

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Fundador : CAIRBAR SCHUTEL (1925-1938)

SUMÁRIO

Centenário da Codificação do Espiritismo
Erro
Astros não são ditâmes para o Destino do Homem
sentido didático do «Livro dos Espíritos»
Memórias de um Espírita Baiano
Creja não, Escola
Livros e Autores
Grandes Iniciados, Jesus Cristo, e o Livro «O Pentecoste»
Nasceu com duas Cabeças
Única Estrangeira
Espiritismo no Brasil



ALLAN KARDEC
Codificador do Espiritismo

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIII -- E. S. Paulo -- Matão, 15 de Abril-Maio de 1957 -- NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

1.º CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

O dia 18 de Abril de 1857 marcou o início de uma nova era para a humanidade, pois foi nesse dia que Allan Kardec lançou à lume a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», que abalou até às raízes o mundo científico, filosófico e religioso do seu tempo e que até hoje continua a abalar, causando uma verdadeira revolução nas idéias em face do estabelecimento de um novo modo de vida sob a égide da imortalidade da alma, que abrange tudo quanto se relaciona com a atividade humana, com o pensamento, com a vida em seu sentido geral, do microcosmo ao macrocosmo.

Estes dois últimos séculos foram enriquecidos com o aparecimento de novos descobrimentos no campo material, como por exemplo o Rádio, a Televisão, a bomba atômica, etc., mas foram ainda muito mais ricos no campo espiritual, ao qual está subordinado o campo material, e isto em face do advento do Espiritismo, que responde a todas as perguntas que preocupam o

cérebro humano, não deixando nada em suspenso susceptível de causar a menor dúvida.

O Centenário da Codificação está representado no lançamento de «O Livro dos Espíritos», que é a sua base. Foi realmente um dos maiores acontecimentos, senão o maior, porque não se trata de uma obra humana, que hoje nasce e amanhã desaparece, mas de um trabalho conjunto dos Espíritos Superiores, encarregados da espiritualização da humanidade, que tiveram como intérprete outro Espírito Superior incarnado na Terra, Allan Kardec, que tinha todas as qualidades morais e intelectuais para dar conta de tão grandiosa tarefa.

Além das luzes que projetam em todas as almas, iluminando-lhes o caminho da vida, a senda da evolução para o supremo objetivo, que é a Perfeição, «O Livro dos Espíritos» e as demais obras de Allan Kardec, que formam êsse magnífico corpo de doutrina, que é o Espiritismo, oferecem a todos o conforto e a esperança de que necessitam

para vencerem as vicissitudes da vida com coragem e fé, transformando tremendas procelas num ambiente saudável, de paz e amor.

Sentindo a grandeza do Espiritismo, o abade Leçanu, dignatário da Igreja Católica, daquele tempo, declarou na sua obra—«História de Satanás»:—«Observando-se as máximas dessa obra básica de Allan Kardec, faz-se o bastante para se tornar santo na Terra».

Muitos vultos da História, como Charles Richet, Camille Flammarion, William Crookes, Ernesto Bozzano, etc., etc., não se cansaram de proclamar o valor do Es-

piritismo na solução de todos os magnos problemas humanos, oferecendo aos homens as experiências e observações do seu elevado cabedal de conhecimentos a respeito, conhecimentos bebidos nas obras básicas da Codificação, em que aparece em primeiro lugar «O Livro dos Espíritos».

Por tudo isso, convidamos a todas as pessoas amigas da Verdade a estudarem o Espiritismo, pois nêle encontrarão luzes para a sua alma e conforto para vencerem os embates da vida.

Salve, 1.º Centenário da Codificação!

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

— III —

Argumentar-se-á, entretanto;—Quê dizer daquêle que tendo o conhecimento do roteiro, se desvia dêle? Daquêle que sabe que matar não é da sequência evolutiva e que essa fase já ficou para trás e que entretanto mata? Daquêle que conhecendo as leis humanas e espirituais que coíbem determinados atos e que malgrado êsse conhecimento constantemente as viola? Daquêles que se entregam a tôda sorte de desregramentos, de corrupção moral que não raro lhes acarretam sofrimentos atrozes e até mesmo possíveis degenerescências físicas, e que embóra tendo isto presente, não se comportam como por seu conhecimento lhes cumpria comportarem-se?

Isso me faz lembrar o viciado em intorpecentes; sabe que o vício acabará com êle, mas não o abandona. O desrespeito à lei é um vício também, cujas consequências castigam o contraventor, mas êste, ignorante que é das verdadeiras causas de seu sofrimento e aniquilamento, permanece na ilusão de poder furtar-se à reação, ao resultado, da experiência que está realizando. Estará êle em êrro? Terá êle profundo co-

nhecimento, não o superficial, das forças geradas e consumidas por sua atitude? Por que razão uma pessoa ao aproximar-se de um abismo se detém à sua borda? e por que razão uma criança não procede da mesma forma? Por que razão um animal irracional adulto e um recém-nato procedem da mesma forma? Não está bem claro aí que a reação da lei para um ato daquêles está profundamente gravado na individualidade, numa demonstração de conhecimento absoluto e não teórico da lei de ação e reação? Por que razão, homem ou irracional, não se atiram ao fogo conscientemente mas lhe guardam conveniente distância? Não será pelo conhecimento amplo da imediata reação das leis que governam êsse fenômeno? A sabedoria dos instintos flui da repetição de inúmeras experiências!...

O conhecimento da lei não presuppõe o entrosamento do indivíduo nela. Quando expusemos nossa condição de células do organismo divino, aceitávamos a condição de executores de suas leis e, portanto, parte delas também. Quando fizemos analogia entre nossa

organização psico-física com o universo, mostramos que naquela, como neste, existe a mais variada espécie de atividades. A nossa evolução, determina, pelo nosso livre arbítrio, a faculdade de mudarmos de tarefa dentro do mesmo organismo, da mesma forma que há células mais nobres que outras dentro de um mesmo físico. Aquele que permanece na repetição milenária de uma experiência e que não procura perceber o seu verdadeiro significado cumpre a missão pura e simples de células que se reproduzem para constituir um organismo físico, onde outras células, outras atividades, fazem seu aprimoramento.

Atualmente muito se fala na necessidade de amarmos ao próximo como a nós mesmos, mas aquêle que burla a lei, não sabe que nem mesmo a si próprio está amando. Amaremos ao próximo, imperceptivelmente no dia em que aprendermos a amar a nós mesmos. No dia em que tivermos zêlo pelo nosso destino, teremos também amôr pelo destino dos outros. Ressalta o amôr como o estado único do ser efetivamente evoluído. Não basta sabermos isto. Já disse que o conhecimento dos preceitos é como a superfície de um lago que cobre muita miséria lodosa. O amôr é a síntese da vida e «pregá-lo para mostrar erudição» ou demonstrá-lo externamente para aparentar evolução, nenhum proveito trará, pois o que importa é «senti-lo como orientação e assimilá-lo como vida». Amôr é condição que não se alcança pela vontade ou pela disciplina de um momento para outro, mas é o fruto desses mesmos fatores, da maturação do conhecimento daquêle que sabe e por isso compreende.

O homem não contraria a lei do fôgo e da gravidade porque vê, incontinentemente a sua reação, e como por ignorância não percebe que qualquer lei ultrajada reagirá a seu tempo, julga, por isso, que ficou impune o seu ato contrário a ela. O derogamento de uma lei só será lícito mediante a observância de uma lei imediatamente superior, o que implica não uma conduta contrária a ela, mas por tê-la em consideração. Não sabe êle que «além da justiça humana, aparente, há uma diversa justiça divina, substancial, INVISÍVEL E TREMENDA, a que não se escapa na eternidade; uma justiça que não tem pressa, mas

que alcança inexoravelmente». O entrosamento do indivíduo na lei é fruto do seu aprendizado. Executando portanto o que consideramos «êrros», e através dos efeitos dessa causa, fará as mutações na escala evolutiva, como «resultante das impulsões e da capacidade individual de reagir». O mal do homem é como vimos antes, o de querer comportar-se ante as leis cósmicas como se comporta ante as leis dos homens. Acha êle que ambas são leis de papel e que assim, como sua inteligência lhe faculta furta-se às consequências de uma, essa mesma faculdade o livrará da outra, inconsciente de que as leis do papel são no mais das vezes impotentes para se fazerem respeitar. Os atos contrários à ordem suprema refletem pois ignorância, experiências para aprender o caminho, e não o êrro profundamente consciente. Repete o indivíduo a experiência milhares de vezes, mas como é incapaz, não lhe capta ainda o verdadeiro resultado.

A justiça dos homens reconhecendo que o chamado criminoso é antes de mais nada um desajustado, não faz da pena um instrumento de punição, mas sim de reajustamento. A pena como castigo pode redundar em resultados mais catastróficos, pois como ato que é, motivará uma reação condizente com êle. Valho-me ainda de Constâncio Vigil, quando diz: —

«Veja-se o legislador — tal o educador e o pai de família — obstinado em considerar o delito como ato espontâneo, prescindindo das causas psíquicas e fisiológicas que o determinam. Obstinado em não ver o culpado senão num dado momento de sua complexa existência, obstina-se em obter a regeneração pelo castigo. Mas nem pai de família, nem o legislador conhecem a relação que existe entre as imperfeições que pretendem corrigir e os castigos que aplicam. Assim, ainda mais rebaixam a condição humana na suposição de que a exaltam».

Será o remorso o reconhecimento consciente do indivíduo de que errou na experiência que levou a efeito? As pesquisas do mundo íntimo de cada personalidade são sempre difíceis e os resultados raramente uniformes. O que em um pode ter origem numa forma, em outro pode ter características inteiramente antagônicas. Nêste terreno, a relati-

dade adquire uma realidade mais ampla ainda. O remorso é tema suficiente para encher um livro, mas sintetizando preferimos considerá-lo como imediata e primeira reação, de carácter cósmico que acompanha como auto-defesa todos os fenômenos da vida. Suas propriedades sutis se fazem sentir incontinentemente a qualquer ação que não se harmonize com a ordem fenomênica. Varia de intensidade, não por ser multi-intenso, mas de acôrdo com a receptividade do indivíduo. Mais forte no mais evoluído, mais tênue no involuído e até mesmo imperceptível na razão do decréscimo nessa escala. Para alguns o sutil remorso é sentido tão intensamente que é suficiente para orientar os que lhe sentem no sentido exáto do verdadeiro caminho. O homem realmente espiritualizado pode confiar nesse guia infalível, porque representa um faról, na noite escura de nossa caminhada. Para outros, êle não existe, terão que aguardar a inexorável justiça da lei que quer e tem que recompor-se, e que, por não ter sido atendida e compreendida pelo carinhoso aviso do remorso, se desencadeará com argumentos mais poderosos. No primeiro como no segundo caso, surge a dôr, em formas diferentes, mas sempre dôr, agindo como agulhão, exigindo obediência aos altos designios. E' ela como as paredes de negro labirinto, que a golpes dilacerantes, vai impelindo o homem para sua única saída. Diz a «Grande Síntese» que:—«Dôr é o efeito das reações da Lei violada, a se fazer sentir na sua vontade de reconstrução da ordem, que tudo quer reconduzir para Deus, é a reação a que chamais *punição*». Vejam como a verdadeira interpretação da palavra *êrro* e também da palavra *punição*, são bem diferentes da forma que lhe dá o homem!

A generalização do conceito do êrro e de punição, tem sido um entrave à melhor compreensão das leis evolutivas. Cada um possui necessidades geradas pelo seu estado geral, não havendo dois sêres em que a generalidade de seus estados sejam idênticos. Assim uma lei para todos não serve, porquanto cada um tem a inalienável lei individual. «Os homens vivem misturados; suas leis, entretanto, não se confundem. O que para um é gravame mortal, pode ser, para outro, incompreensível, porque nunca

o experimentou. São todos vizinhos e irmãos; nõ entanto, cada um, em face do encadeamento das próprias obras e das suas consequências, está sòzinho; sòzinho com a sua responsabilidade e com o seu destino, qual êle o quis. As vias estão traçadas, mas a ação humana exterior não as vê nem as muda: os valores substanciais não correspondem às posições e categorias sociais».

Aquêle que diz ou é julgado como conhecedor da lei e não a exprime em seus atos, assemelha-se ao artista que todos nós somos. Podemos imaginar uma estátua de magnifica e rara beleza. Criamos essa imagem em nossa mente e de posse do pincel ou do buril nos dispomos a transportar tal imagem, para o mundo das formas densas do nosso plano. Surge então a respeitável barreira que medeia, entre a idealização e a concretização. Por deficiência de habilidade no trato com os instrumentos de trabalho, pela impropriedade de material ou pela inconstância da forma a ser modelada, o trabalho se for levado a termo, difficilmente corresponderá em exatidão à que foi idealizada. Verificamos constantemente que o autor de uma obra de cunho artístico, difficilmente se confessará satisfeito, e por mais que a retoque, nunca se sentirá realmente correspondido entre a imagem e a forma. A mente humana avança como patrulhas guerreiras por terreno estranho, e, não raro, bate em retirada por não sentir-se sufficientemente forte para manter-se ali. Volta com preciosas informações afim de que o grosso da tropa, aquilo que representa a nossa verdadeira posição, possa avançar ao abrigo de maiores riscos, solidificando uma conquista que foi apenas entrevista no passado e que no presente se tornou realidade. Sòmente agora, aquêle terreno, antes palmilhado por fôrças de pesquisa, pode servir de proveito a seu conquistador. A espécie humana avança devagar, embora inúmeras patrulhas mentais estejam fazendo sortidas por paragens ignotas. Através dos informes recolhidos, antevemos as maravilhas existentes longe de nós, mas aquêle terreno, pelas imensas distâncias da incapacidade, guardará respeitável tempo para ser conquistado.

«Nã julgueis para não serdes julgados». Ensino profundo constantemente esquecido que não representa

apenas um artigo de lei, mas o esclarecimento de uma lei. Definição que nos mostra que na escala evolutiva não podemos emitir conceitos a respeito do que está em nosso mesmo plano. O homem não conhece ainda nem mesmo sua íntima história, não possui ainda a solução de seus recônditos problemas, não sabe as causas que dão motivo ao conjunto de efeitos que êle é hoje. Como

pode essa individualidade que não aprendeu ainda a amar a si mesmo e a julgar a si próprio, amar ou julgar o seu próximo? Como pode aventurar hipóteses sobre a origem dêste ou daquele fenômeno, suas causas e destinações, se não conhece o seu passado que se fechou na noite de ontem, sua ação que surge na manhã radiosa do hoje, e sua róta que se abrirá com o amanhã?

Os Astros não são ditâmes para o Destino do Homem



A nossa série de publicações sobre as supostas predições da Astrologia, apresentamos êste último trabalho, cuidando dos signos, ou melhor, das constelações, com algumas recapitulações dos artigos anteriores.

A maravilhosa natureza do Universo povoou os céus de estrêlas, mas foram os homens da antiguidade que dividiram êsses astros luminosos em grupos individualizados, imaginando, nessas reuniões estelares, fantasiosas figuras, com estranhas denominações.

Mas em tórno de alguns dêsses agrupamentos foram criadas as mais absurdas superstições, cujas crendices se generalizaram, sucedendo-se de uma geração a outra, mantidas pela Astrologia, esta suposta arte de adivinhar nosso futuro, pela hipotética leitura dos astros.

As configurações que vêm sendo motivo de superstições, exploradas pelos astrólogos, são as que se acham dentro de uma determinada faixa do céu, denominada zodíaco. Esta faixa, com 17 graus de largura, forma um círculo ao redor da Terra, ocupado por 12 agrupamentos de estrêlas, com 30 graus de comprimento cada grupo, cuja soma totaliza os 360 graus da circunferência. Mais uma vez, vejamos as suas denominações: — «Aquário, Peixes, Carneiro, Touro, Gêmeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário e Capricórnio.

Em noites límpidas, com o auxílio de um mapa celeste, em local favorável, podemos ver 6 constelações, da metade da faixa zodiacal, que atravessam o céu do nascente ao poente. Elas representam a rota do Sol, da Lua e dos planêtas.

Os adivinhos atribuem a cada gru-

po estelar estranhas e diferentes funções, como se essas figuras fossem realmente entidades vivas, dotadas de vontades boas e más. Assim, enquanto umas nos favorecem fortunas, outras nos propiciam viagens, e outras ainda nos escolhem profissões, tendo cada uma as suas especialidades, e tudo dependendo do dia, hora e minutos em que nascemos, para cairmos no agrado ou desagrado dessas figuras, imaginadas no céu pelos antigos.

E com todas essas superstições, ainda propagam que a Astrologia é uma ciência positiva. Mas tratando-se de ciência os que a estudam deveriam revelar qual a natureza dessas misteriosas influências comerciais, amorosas, casamenteiras etc., que êles dizem provirem dos astros.

Mas essas influências encantadas não podem vir nas energias irradiadas pelas estrêlas porque os cientistas nada encontram nessas vibrações que concordem com êsses conceitos da Astrologia. Além disso, os adivinhos, não poderiam fazer seus cálculos exatos (?) pela luz das estrêlas, porque as vibrações luminosas chegam-nos com apreciável atraso.

Expliquemos êsse retardamento: — Na faixa zodiacal, entre as suas principais estrêlas, a Aldebaram, da constelação do Touro, é a que se acha mais próxima da Terra. No entanto, a sua luz, apesar de rasgar o espaço com a sua fantástica velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, terá que viajar durante 58 anos para nos alcançar, vencendo mais de 500 trilhões (548.726 400.000.000) de km que nos separam. Supondo-se que essa estrêla se apagasse hoje, pela extinção total do seu combustível atômico, somente no ano de 2.015 é que os habitantes terrestres dariam pela sua falta, momento em que chegariam aquí seus últimos raios de

luz que de lá saíram na ocasião da morte do astro. Mas até lá, sem que ela existisse mais, continuaria nos cálculos dos astrólogos. Há estrêlas que vemos todas as noites no céu, mas que talvez nem existam mais.

Mas os advogados da Astrologia poderão argumentar que as influências astrológicas são de outra natureza diferente das vibrações da energia estelar, e que elas nos chegam com a rapidez do pensamento, facilitando seus cálculos.

Mas somente os ingênuos poderão aceitar êsses absurdos, porque não iremos deixar de aceitar as verdades dos cientistas que pesquisam, para acreditarmos nos astrólogos que talvez nem observam os astros.

E hoje, deixar de aceitar a Astronomia, para crer-se na Astrologia, é o mesmo que recuarmos para um passado distante.

Vejam agora alguma coisa sôbre a Lua.

Este nosso Satélite, em relação a nossa distância das estrêlas, podemos dizer que êle se acha quase encostado na Terra (384.000 km distante). Os astrólogos dizem que há dias favoráveis e desfavoráveis para negócios, viagens, amizades etc., tudo dependendo da posição da Lua, ao entrar nas delineações das constelações. Mas a entrada da Lua dentro dos limites de uma constelação é apenas aparente, devido o nosso ponto terrestre de observação. Na realidade, a Lua não se acha entre as estrêlas dessas configurações estelares, conforme dá a entender o sentido astrológico. Na sua marcha ao redor da Terra ela apenas se coloca entre nós e as constelações zodiacais. Mas o nosso satélite, relativamente, acha-se longe das estrêlas na mesma proporção em que o nosso planêta também se acha. Para termos uma idéia dessas distâncias imaginemos um raio de luz, partindo da Terra, em direção da Estrêla Antares do Escorpião, quando a Lua nesse caminho se colocou. Essa luz, em pouco mais de um segundo estaria na Lua. Mas prosseguindo na sua trajetória, êsse raio luminoso teria que viajar mais de 250 anos pelo espaço para vencer mais de dois quatrilhões (2.365.200.000.000.000) de km que nos separam dessa estrêla.

Então perguntamos: Qual o motivo para que a Lua, colocando-se entre a Terra e êsses longínquos sóis dêsses grupos

zodiacais, nos possa dar dias favoráveis ou não, para nossos negócios, amizades, e tantos outros assuntos dessa ordem? Achando-se a Lua aqui tão próxima da Terra, que relação tem ela com aquêles astros tão distantes para que entre ela e êles se entendam ou desentendam para o nosso bem ou mal?

Sem dúvida, a Astrologia, sôbre assunto da natureza dos astros, é completamente falha diante dos progressos da Astronomia de hoje.

E o mesmo que dissemos da Lua fica subentendido para o Sol e os planêtas.

A Emmanuel, elevada entidade espiritual, foi-lhe perguntado na obra mediúnica, «O Consolador», o seguinte:—«Pergunta n.º 140 — Os astros influem igualmente na vida do Homem?

Resposta:— As antigas assertivas astrológicas tem a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planêtas influenciam no complexo celular do Homem físico, em sua formação orgânica em seu nascimento na Terra, porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas urge que elas lutem contra os elementos destruidores, porque acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada Homem sob as influências que merece».

De fato, as assertivas astrológicas não erram enquanto se limitam em afirmar que os astros influenciam na vida do Homem. Mas é a Astronomia somente que possui os elementos esclarecedores sôbre qual a natureza dessas influências. A influência «astral» é na ordem biológica, com as energias dos astros atuando sôbre a organização física animal. Certos indivíduos, sem que ninguém e nem êles mesmos saibam, nascem com certas predisposições a determinados desequilíbrios, cujas perturbações latentes podem eclodir sob ações exteriores. As conjunções planetárias, pelas fôrças atrativas conjugadas, atuam sôbre as células orgânicas. Campos magnéticos «astrais» descarregam em certas ocasiões, sôbre a Terra, poderosas tempestades eletromagnéticas. O Homem que procura educar seu sistema de nervos, elevando a melhor padrão as suas vibrações mentais, pode atenuar e, talvez, até neutralizar êsses choques na sua composição celular, venham êles de onde vierem. Nestas con-

dições «cada Homem acha-se sob as influências que merece».

Pelo exposto é fácil concluir que essas verdades não tem a mínima relação com as supostas predições astrológicas, pois os astros não tem consciência dessas ações que, incidindo sobre o nosso planeta, atingem os edifícios celulares orgânicos, sensíveis e afins. Assim, isto não indica de forma alguma que os astros governam nossa vida mental, ditando ordens para o nosso destino.

E aqui repetimos: As influências dos astros sobre o Homem são de ordem biológicas e não com predomínio sobre o nosso espírito, anulando nosso livre arbítrio.

E para finalizar essa série de trabalhos sobre as supostas predições astrológicas, declaramos: Somos apenas estudantes da matéria e não escrevemos para polemizar. Mas se os advogados da Astrologia desejarem, aceitamos debates nesse assunto que expusemos.

E, aos nossos leitores, pedimos desculpas se acaso falseamos em algumas particularidades, mas podemos garantir que na parte fundamental estivemos sempre no caminho da verdade, buscando, com sinceridade, apoio na límpida fonte da ciência dos astros, em toda a sua pureza.

V. O. CASELLA.

Av. Barroso, 378 — Araraquara.

O sentido didático do “Livro dos Espíritos”



comemoração do centenário do *Livro dos Espíritos* dá margem para estudos diversos, porque o conteúdo doutrinário desse grande livro, no qual se condensam as bases da doutrina espírita, tem matéria capaz de atender à curiosidade dos mais variados tipos de vocação intelectual. Se o estudioso é inclinado para os problemas de ordem filosófica, ainda que não seja espírita, *O Livro dos Espíritos* lhe sugere reflexões acerca da existência de Deus, da formação do Universo, a origem das coisas e, por fim, uma série imensa de outras questões transcendentais; se, ao mesmo tempo, *O Livro dos Espíritos* vai ter às mãos de um homem propenso a estudos de ciências sociais, desde que seja um espírito emancipado e perquiridor, não lhe será difícil descobrir outras tantas questões igualmente sérias e elásticas, porque atinentes à vida social em seus diversos aspectos, e tudo isto é assunto adequado à seara da *sociologia*, da *psicologia social* e outras ciências que estudam as relações humanas. Se alguém disser, suponhamos, a um técnico ou especialista em *economia política*, que a doutrina espírita discute problemas econômicos, isto poderá causar espanto, pois o que muita gente sabe de Espiritismo (e sabe muito mal) é que esta doutrina só se interessa pelos mortos, e nada mais... Seja como fôr, a doutrina

propõe algumas questões de interesse para diversos ramos da cultura científica.

Veja-se a 3.^a parte do *Livro dos Espíritos*, notadamente a discussão sobre a «Lei do Trabalho», «Lei de Sociedade», «Lei de Igualdade» etc., e lá estão algumas afirmativas que, convertidas em teses científicas, vão incidir forçosamente sobre as ciências sociais e, com especialidade, sobre a *sociologia*, pela sua amplitude. *O Livro dos Espíritos* não tem o feitio de enciclopédia, mas a sua organização doutrinária tem visão enciclopédica pela variedade e sequência dos assuntos que abrange. Até mesmo alguns problemas de *biologia*, e dos que ainda não estão superados, aparecem na sistemática do *Livro dos Espíritos*, apesar de seus cem anos de existência. Se, por exemplo, o crítico ou simples curioso tem embocadura para os estudos biológicos, também vai encontrar no *Livro dos Espíritos* alguns dos mais palpitantes problemas de embriologia, evolução, hereditariedade e outros problemas da mesma natureza, embora apresentados em função de preocupações espirituais. (Examinem-se, sem espírito de prevenção, as questões 344 a 360, relativas à união da alma com o corpo. Seguem-se, além de outras, as questões 586 a 613, referentes aos «animais e as plantas», assim como aos «animais e os homens»). A doutrina entra muito no campo da biologia, porque a sua concepção de *vida* engloba o plano orgânico e o espiritual. Não se-

rá exagêro dizer que algumas proposições do *Livro dos Espíritos* encerram idéias muito antecipadas em relação à própria *eugenia*, pôsto que o faça em tese geral e não em termos específicos. Queiram ou não queiram, a doutrina trata dêstes assuntos.

Um dos aspectos mais característicos do *Livro dos Espíritos*, em sua expressão estrutural, é a distribuição didática das matérias. Note-se, desde logo, a ordem de colocação dos capítulos, em quatro partes :

1.^a parte — *problemas gerais*

Deus — Elementos gerais do Universo — A criação — o princípio vital etc.

2.^a parte — *problemas especiais*

Origem dos espíritos — pluralidade das existências, volta do espírito à vida corporal, emancipação da alma etc., etc.

3.^a parte — *problemas normativos*

As Leis morais: Seus caracteres — Lei de Adoração — Trabalho — Reprodução — Conservação — Destruição — Sociedade — Progresso — Igualdade — Liberdade — Justiça, Amor e Caridade.

4.^a parte — *Consequências*

Penas e gozos futuros.

E' apreciavel o entrosamento didático da obra. Suas questões e consequências começam do geral para o particular, do conhecimento para as aplicações, da especulação filosófica para as normas morais. Observe-se que o problema de Deus, na 1.^a parte do *Livro dos Espíritos*, é apresentado e discutido como objeto de especulação, porque que a doutrina induz a inteligência humana a procurar saber *porquê* Deus existe. E' o conhecimento racional, como caminho para o conhecimento intuitivo, que é uma esfera mais alta, e por isso mesmo depende mais de iluminação interior do que propriamente de aquisições intelectuais. Procurar a «causa primária» do Universo é a primeira questão, e aí, temos a filosofia em sua plenitude. Já na última parte do *Livro dos Espíritos*, entretanto, o problema de Deus é posto de maneira diferente, por-

que, agora, é necessário *sentir* as consequências da ação divina. São três etapas sucessivas e complementares, mas é preciso notar que cada uma delas tem um campo próprio e a cada uma dessas etapas progressivas do homem correspondem valores diferentes :

a) — na 1.^a etapa, quando o homem procura apenas o conhecimento puro, prevalecem os valores intelectuais, sejam literários, filosóficos ou científicos ;

b) — na 2.^a etapa, quando o homem faz aplicação daquilo que aprende, o conhecimento puro e os seus valores já não satisfazem mais, porque é necessário pôr o conhecimento em prática, e daí decorrem os *deveres e normas* ;

c) — na 3.^a etapa, porque já *conhece* e sabe fazer bom uso do conhecimento, o homem *sente* as consequências de toda a verdade que lhe foi possível aprender, e daí, vêm os gozos e as consolações da doutrina.

Dentro desta ordem didática, O *Livro dos Espíritos* desenvolve todas as suas proposições fundamentais, permitindo ao homem, antes de tudo, *conhecer* para compreender, e depois, já na posse do conhecimento, sentir as belezas e os benefícios da doutrina pela reforma moral. Vejamos a distribuição dos assuntos. Antes de falar nos gozos *futuros*, nos deveres humanos e sociais, O *Livro dos Espíritos* encaminha a indagação filosófica para a «causa primária de todas as coisas», a formação do Universo, o princípio vital etc. Tudo isto são problemas muito gerais, mas é necessário começar pelas generalidades para poder, depois, descer ás particularidades da doutrina. Vê-se, por aí, o alto senso didático de Allan Kardec ao organizar O *Livro dos Espíritos*, cujos ensinamentos, como se sabe, são de procedência espiritual, mas foi o Codificador quem lhes deu ordem e método.

Como poderia a doutrina convencer o homem da realidade dos valores espirituais, que são inconfundíveis e eternos, sem primeiramente fazer o homem compreender a supremacia das leis divinas? Para saber respeitar as leis biológicas a

que está sujeito, o homem tem necessidade de conhecer os processos normais da vida, e justamente por isso mesmo, a doutrina espírita se preocupa, também, com a formação dos seres vivos e as condições do mundo em que vive o homem. Tudo isto é *conhecimento*, ainda não é progresso espiritual, mas o homem, como diz a própria doutrina espírita, progride primeiro em conhecimento, depois, em moral.

Se, para ser feliz, o homem precisa e deve conhecer as leis naturais, a fim de que saiba comportar-se com equilíbrio, pois as leis naturais são reflexos da ação de Deus, claro é que o conhecimento dessas leis se torna indispensável. Não é possível ensinar a alguém o princípio da harmonia universal, que é assunto essencialmente filosófico, sem dar uma idéia pelo menos geral do mecanismo das leis naturais. E' o que se nota no *Livro dos Espíritos*, porque apresenta o quadro das leis, suas relações de dependência, seus processos de ação e, depois, desperta no homem o sentimento de responsabilidade em face do conhecimento, que já adquiriu: antes de tudo, dar o conhecimento; depois, apresentar as consequências práticas. Então, chegado a esse estado de adiantamento espiritual, o homem compreende Deus pela inteligência, mas não fica somente no conhecimento, porque é

indispensável sentir a obra de Deus — pela iluminação. O *Livro dos Espíritos* tanto responde às indagações do filósofo, como às petições do teólogo e às exigências do moralista.

Convém frisar que não é uma obra de classificação nem de conhecimentos descritivos, mas é uma obra de conhecimentos amplos, em diversos domínios da especulação e da crítica. Justamente por isso mesmo é que o *Livro dos Espíritos* é muito sintético em suas respostas. E' um livro de base, e não pode, portanto, desenvolver minúcias. Apresenta os princípios, formula as teses gerais, com todo o espírito de síntese, sem se perder na por menorização de conceitos acessórios. E' uma obra de interpretação, não é nem pode ser um tratado de especificações. O desenvolvimento e a explanação minuciosa das questões que se acham consubstanciadas no *Livro dos Espíritos* estão nas outras obras da doutrina, justamente porque todas elas são desdobramentos da obra geral. E' no *Livro dos Espíritos* que está, finalmente, o cerne da doutrina espírita. Não se pode compreender a doutrina sem conhecer o *Livro dos Espíritos*, e para compreender o valor do *Livro dos Espíritos* é necessário compreender-lhe o sentido didático.

DEOLINDO AMORIM.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXI CAPÍTULO

Meus últimos dias no Hotel Central

1) Nossa mudança para a *Ladeira do Pelourinho* permitia que, depois das refeições, eu corresse até a casa para a sesta, de tão perto que ficava.

2) A casa ficava no alto da *Ladeira do Taboão*, para qual abria quatro janelas. E seis para a frente. E sua frente olhava, também, para a *Ladeira do Carmo*, para a *Baixa dos Sapateiros*.

3) Era um primeiro andar, por cima de um bazar de moveis usados. Por cima de nós, um oficial da Marinha, cujas filhas, muito raquíticas, andavam a martelar o piano, constantemente, como aprendizes.

4) Durante o movimento político

de que resultou a posse do Dr. J. J. Seabra no Governo da Bahia, assisti, uma tarde, lá em baixo, a luta entre malandros, na rua, de que resultou uma bala perdida entrar na sala, passar perto da perna de minha irmã pequenina e ir tirar uma lasca na perna de um consolo na sala de visita.

Tal o regime de insegurança em que vivemos naqueles dias amaríssimos da política do Dr. J. J. Seabra...

5) Era nosso vizinho parede-meia, à direita, o padre L. F., meio espaduado, um tanto escandaloso, baixo, pequenino. Não queria amizade com os vizinhos. Mas, ainda tocava à aba do chapéu, cumprimentando-nos. A família, a mulher e as filhas, não nos cumprimentavam.

6) Seu apelido, era Padre *Pega pra Capar*.

Irritava-se e dava escandalo, quando o chamavam assim.

7) Dera, uma feita, tanto escandalo na rua, que o arcebispo, D. Tomé, mandou chamá-lo a palácio e o censurou à speramente.

— E' mentira! Vieram dizer mentira ao Sr. Arcebispo.

— Não. *Vox populi, Vox Dei*. Se caíu na voz do povo...

8) Se é assim, é também verdade que a *Maria Cumpridinha* é vista sair, diariamente, manhã cedo, de seu palácio...

9) O Arcebispo irritou-se, ameaçando-o de suspendê-lo de ordens.

10) Se o Sr. Arcebispo fizer isso, eu passarei por aquí, diariamente, puxando uma carroça para ganhar a vida, pois tenho mulher e filhas para sustentar...

11) Fôra convidado para o Sermão da festa de importante cidade do reconcavo. Veio o saveiro buscá-lo, à noite. Viajaram durante a madrugada, a comissão da festa e êle. Luar muito bonito, noite primaveril.

12) Reverendo, era bom que o senhor fizesse o sermão que vai proferir, para a gente ouvir, vale?

— Vocês querem? Vale.

— Queremos. Faça o sermão.

Ele postou-se à prôa da embarcação, de pé, olhando o mar. E sob o palor da lua, debaixo de um céu azul e estrelado, proferiu importante sermão, para agrado de toda gente.

13) Ótimo! Vamos ter uma festa d'arromba, amanhã, disse a comissão que o acompanhava.

14) Mas, no dia seguinte, êle preparou-se para a missa festiva sòmente. «O sermão?» ah! esse já fôra proferido ontem. Se quisessem que êle o repetisse, só mais duzentos mil réis...

15) Mas, reverendo, o sermão de ontem foi para experiência e para nos distrair.

16) Experiência? Eu já sou um padre velho, experimentado e não vim aquí para distrair ninguém. Vim aquí para ganhar dinheiro. Tenho mulher e filhos para sustentar. Agora, posso é fazer camaradagem; posso receber e me contentar com a metade.

E recebeu, efetivamente, mais duzentos mil réis.

* * *

17) O filho do patrão, o Manoel Veiga, um portuguezinho quasi analfabeto, que gostava de poesia, chegara de Portugal.

Andava com um livro de soneto de Camões na mão, no propósito de meter todos os sonetos na cabeça... Até a mesa dos frequêses servia declamando, entretanto, o único soneto que decorara, o primeiro:

*Enquanto quis, fortuna que tivesse,
Esperança de algum contentamento...*

18) O pai não o quis no Hotel. Arranjou serviço para êle com um amigo em *Santo Amaro*. Eu fui levá-lo no vaporzinho da carreira.

19) Que alegria para mim, quando o Jornal noticiou que o jovem poeta baiano visitara a sua redação, palestrando amavelmente com todo o pessoal da casa!...

20) A volta foi pelo ramal de *Candeias* — *N. S. das Candeias*, um dos lugares mais milagrosos do Estado. Comprei passagem de 2.^a classe, que nunca fui amigo de ostentação. Aquilo que pude fazer modestamente, sem chamar a atenção de ninguém...

21) Veio o condutor. Vendo-me na segunda classe, misturado àquela negralhada, entoxicando o ambiente do carro com o fumo fedorento de seus cachimbos, de seus charutos de ínfima qualidade, convidou-me a passar para a 1.^a classe: «Este carro não é para um moço como o sr. viajar».

22) Adiante o trem enguiçou numa subida por falta de pressão.

— Fôra, pessoal! Vamos empurrar o trem!

23) A segunda saltou para empurrar o trem.

Da primeira classe, sòmente eu...

* * *

24) Veio uma sobrinha de meu pai passar uma temporada em casa.

Jovem, simpática, atraente.

Mas não tive nenhuma inclinação pela mocinha. Tanto mais quanto ela já estava quasi noiva.

25) Sempre que ia fazer a sesta, em casa, conversavamos uma vez por outra, sentados, a balançarmo-nos na ampla rêde de casal armada na sala de visita.

26) Uma feita, meu pai estrilou. E disse, áspero, à sobrinha: «Se você veio para aqui com os olhos no meu filho, engana-se. Ele não se vai casar com você».

27) A moça corou e chorou. Eu me limitei a dizer-lhe: «Isso não se faz nem se diz! Tanto mais que eu não sei se me caso e com quem irei casar-me, e quando...»

28) Nem por isso deixei de levá-la, à miude, a bailes — e eu fui um dançarino de marca! — a cinemas, a passeios...

29) Inaugurando se um cinema — *Cine Rio Branco* — no *Terreiro*, num primeiro andar, fui à sua inauguração, com a prima e minha mãe. A orquestra tocou uma valsa. Como eu gostava de dançar valsas! Perdi, parece, a noção de mim, ergui-me e convidei a prima para dançar comigo. Ela recusou a rir-se, evitando o *tableau*.

* * *

30) Uma tarde, passaram as duas mocinhas de que já falei, à porta do Hotel. Havia outro caminho mais curto. Mas, era passando por ali que elas me podiam ver. E vimo-nos.

Corri ao seu encontro.

E acertamos a visita de ambas, e mais do pai e do irmão, com o violão, ao Hotel, uma noite, para, à presença dos hospedes, cantarem.

31) Compareceram e cantaram. Aliás, sob aplausos de toda gente, menos meus. E' que minha alegria de as ver ali, era tão grande, que me tornei saliente demais.

Senti que nem ela, nem sua gente aprovara minha saliência.

* * *

32) Aos domingos, dias santos e feriados, preferia ficar no Hotel, devorando livros, rascunhando estrofes, preocupado com a minha mania literária.

Mandava, até, os outros empregados saírem para ficar com mais um, no máximo, nesse doce *tete-a-tete* com a literatura.

* * *

33) Sr. Costa, um português negociante, candidato a comprar o Hotel, meteu lá um cunhado, um homenzarrão, com as mesmas funções que eu tinha.

Era, praticamente, a minha destituição do emprego.

34) Compreendendo isso, pus-me a campo, para conseguir outra coisa. Entabolei negocio com uma sapataria de ultima espécie, à Ladeira do Taboão.

35) Voltava, um dia, depois da sesta, ao Hotel.

Meu lugar, na mesa da gerência, vasia.

Perto, um crioulo que entregava macarrão de uma fábrica, sr. Costa e o patrão de pé...

36) Um freguês paga a refeição. Era o sr. Bento que devia receber e passar o troco. Continuou imovel.

— Quer que o faça? perguntei-lhe.
— Pode fazer.

37) Galgo a mesa e abro a gaveta para receber o dinheiro e passar o troco.

38) Foi êle. E' êle quem me dá os vales, — salta o crioulo, a apontar-me, o dedo em riste.

39) Eu? Que vales?

40) Os vales do macarrão que eu tenho trazido aqui.

41) Mas, o macarrão é pago na hora. Nunca passei vale algum. Ademais essa letra não é minha.

42) É, sim. Letra disfarçada — continuou o crioulo.

43) Sr. Bento, o patrão, interveio: — A situação é delicada para você, Leopoldo, bem delicada!

44) Delicada porque? Se o sr. se coloca nesta atitude, já não tenho mais o que fazer aqui. Deixo, imediatamente, o seu Hotel.

E deixei-o com o coração sangrando.

45) Aquilo foi uma ingratidão. Aliás, a primeira que me doeu, profundamente, na alma. Muitas outras viriam depois, dolorosas.

46) Eu ganhava uma fortuna: Sesenta mil réis por mês, sem as gorjetas dos fregueses.

47) Mas, saí. E fui jantar uma peixada num restaurante da Rua Dr. Seabra, tirado a vinho, que estavamos na quinta-feira santa de 1912.

48) Depois, eu soube. O crioulo fôra descoberto como deshonesto e metido no xadrez. E o Hotel Central teria que fechar suas portas nas mãos do Sr. Costa.

49) O Sr. Bento, a despeito de sua bondade, morrera na miséria, tuberculoso.

50) Eu ainda estou, apesar de tudo, escrevendo essas *Memórias*...

IGREJA NÃO, ESCOLA — Bianor Medeiros

Textos : (Mateus, XVI, 15/20 ; Marcos, VIII, 29 ; Lucas, IX, 20/21 ; João, XV, 17. Tradução do padre Álvaro Negromonte — Novo Testamento — Agir Editora — 1948).

I. — TEXTO INTEGRAL

1. — Mateus, XVI, 15/20 :

«Disse-lhes Jesus : E vós quem dizeis que eu sou ? Respondendo Simão Pedro disse : Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo. E respondendo, Jesus lhe disse : Bem aventurado és, Simão, filho de Jonas, por que não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas, sim meu Pai que está nos Céus. *Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo que ligares sobre a terra, será ligado nos céus ; e tudo o que desligares sobre a terra, será desligado nos céus.* Então mandou a seus discípulos : que a ninguém dissessem que êle era Jesus Cristo».

2. — Marcos, 29 :

«Então lhes disse : E vós, quem dizeis que eu sou ? Respondendo, Pedro lhe disse : Tu és o Cristo. E êle lhes proibiu, severamente, que a ninguém dissessem isto dêle».

3. — Lucas, IX, 20/21 :

«E vós, quem dizeis que eu sou ? Respondendo, Simão Pedro disse : o Cristo de Deus. Ele então, falando-lhes energicamente, mandou que não dissessem isto a ninguém».

4. — João, XXI, 15/17 :

«Simão, filho de João (?), tu me amas ? Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus : apascenta as minhas ovelhas».

5. — Deuteronomio, XIX, 15 :

«Não valerá contra alguém uma só testemunha, qualquer que fôr o delito ou o crime ; mas tudo será verifi-

cado sobre o depoimento de duas ou três testemunhas».

6. — Apocalipse, XIX, 10 :

«Pois o testemunho de Jesus é o espirito de profecia».

II. — Vamos estudar assunto de tal magnitude sob os aspectos histórico, linguístico, ideológico ou doutrinário e jurídico ou legal, tirando a conclusão lógica que os versículos 18 e 19 do Evangelho atribuído a Mateus são interpelações maliciosas aos textos originais e primitivos com a finalidade única de servirem de fundamento para a criação da Igreja Católica Apostólica Romana, no terceiro século da nossa era, de 306 a 337, no tempo do grande Imperador Cristão, Constantino Magno.

III. — Jesus era judeu, filho de judeus e falava o aramaico, a língua falada pelo povo judeu daquele tempo e internacional, do Oriente Médio, de então. Nasceu o Divino Mestre em 1.º de Janeiro do ano 1.º, da era Cristã ou em 25 de Dezembro do ano 749, da era Romana. Era Imperador Romano o grande Gaius Julius Cæsar Octavianus Augustus, mais conhecido por Imperador Augusto, nascido em 63 antes de Cristo e falecido em 14 depois de Cristo. O Divino Mestre foi crucificado no dia 3 de Abril do ano 33 da nossa era, com 33 anos, no tempo do Imperador Romano Claudius Nero Tiberius, mais conhecido por Tiberio, Imperador de 14 a 37 depois de Cristo.

IV. — Um mundo ideológico separa o povo Romano do povo Judeu, criadores de duas culturas e de duas civilizações completamente opostas e antogônicas, que sempre viveram em atrito mental e de fato. A língua oficial do povo Romano era o Latim e o grego, como a língua literária, artística. A língua oficial do povo Judeu, naquele tempo, era o aramaico. A língua oficial do povo Grego era o grego que exerceu poderosa influência na língua, na cultura e na civilização do povo Romano, durante muitos séculos. A Religião Grego Romana era o paganismo, a idolatria. O Imperador era o representante

de Jupiter na Terra e como tal, um Deus. As leis do Império eram inatacáveis e rigorosas nesse sentido, não admitindo leis contrárias superiores a elas e ao Imperador, ao Senado, às Legiões Romanas. A fé judaica era no Eterno, Criador, Mestre, Legislador, Juiz, Governador e Condutor do povo Judeu, com o qual mantinha aliança. As leis judaicas eram Leis Espirituais, eternas, dadas pelo Senhor ao seu povo, no monte Sinai, por intermédio de Moisés, o intermediário entre os anjos e os homens. Para o povo escolhido não havia outro Rei nem outras Leis, como para o povo Romano não existiam outras normas de conduta nem outro Governador senão os seus, particulares, oficiais. Essas idéias antagônicas formavam personalidades diferentes, como cultura e civilização diferentes, incompatíveis, irreconciliáveis. Por isto o povo Judeu, sofria humildemente a tirania Romana e vivia isolado, como uma ilha no meio do Oceano, como um oasis no meio do deserto. Era a luta silenciosa da qualidade contra a quantidade, da fé espiritual contra o Império do Mundo profano, irreverente, selvagem, temível pela força de que dispunha pela mentalidade autoritária que o animava.

V. — O Divino Mestre começou a sua missão quando tinha 29 anos de idade. Fundou escola oral ambulante, fez discípulos, preparou-os durante quatro anos, como suas testemunhas que deveriam ser e como portadores de sua doutrina que deveria ser ensinada a todos os povos da Terra, a começar pelo povo Judeu, o escolhido pela Divindade Suprema para espiritualizar a humanidade toda. Prometeu o reino do seu Pai para todos os seus discípulos que perseverassem na fé e nas virtudes até à morte do corpo. Prometeu mais ainda que enviaria o Espírito da Verdade após a sua morte e ressurreição, que desceria do Reino Celestial e ficaria com seus discípulos, como vasos escolhidos, nos quais faria sua habitação, na Terra, até o fim dos tempos. Combateu o culto exterior e criou o culto interior, pela renovação da personalidade humana, pela regeneração espiritual, intelectual e moral da humanidade. Fez destruir o Templo de Jerusalém e a casta sacerdotal como prejudiciais ao progresso espiritual da grande família, de todas as gentes. Destruiu as barreiras internacionais e

universalizou a sua doutrina que deveria ser, com o tempo, a norma de conduta para todos os homens, para todos os povos.

VI. — O povo judeu sempre foi combatido pelos povos pagãos da Terra. Até à vinda do Divino Mestre o povo judeu era puro judeu, com uma só língua, uma só raça, uma só fé, fundada na Revelação Espiritual. Com a vinda do Mestre Celestial o povo escolhido se dividiu em dois grupos, o judeu-judeu e o judeu-cristão, bem como a sua literatura, a conservadora e a progressista, a tradicional judaica e a nova, cristã. Por causa das perseguições, o povo judeu se havia espalhado pelo mundo inteiro, pelas principais nações da Terra, nas quais formava comunidades. Desde os tempos de Esra, que criou a primeira Beth hah Kehila, a Casa da Comunidade se espalhou por toda a Judéia e pelas comunidades judias do mundo. Nessas Casas, que os gregos chamavam de Sinagoga, eram ensinadas as Leis (Torah), os Profetas (Neviim) e as Escrituras (Ketuvim), os rolos de pergaminho manuscritos pelos judeus, dêste 1.500 antes de Cristo até o advento do Senhor. Eram nessas casas comunais que os judeus-cristãos pregavam a Nova Mensagem, convertendo os judeus para o Cristianismo, quando se espalharam da Judéia pelo Mundo, como portadores da nova ideologia ensinada pelo Cristo, como se verifica pelas Memórias de seus discípulos, conhecidas no Ocidente, Europa e America, com os nomes gregoromanos de Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse. A nobreza romana não tolerava maior autoridade que o seu Imperador, nem leis superiores as suas próprias, por isto não tolerava o Senhor e as Leis judaicas. Assim, o Cristianismo foi perseguido em Roma, desde o começo. Os cristãos ou judeus cristianizados eram hostilizados, perseguidos, martirizados por toda parte. Viviam eles ocultamente nas sinagogas, nas catacumbas, nas casas dos cristãos, sem ruído, em silêncio, ensinando, curando, orando. O último Imperador Romano pagão foi Maximiano Herculeo, sogro de Constantino I, o Grande, o primeiro Imperador Cristão, convertido, à ultima hora, sem preparação prévia, em 306 da nossa era. Até então os seguidores de Cristo eram chamados de discípulos do

Senhor, testemunhas do Senhor, ou Cristãos, nome êste que lhes foi atribuído depois da morte de Cristo, conforme consta dos Atos dos Apóstolos, XI, 26. Em 313 Constantino, compadecendo-se dos cristãos, deu-lhes plena liberdade religiosa, da qual gozava o povo romano, desde os princípios de sua formação. Foi além, protegeu o «bispo de Roma», deu-lhe o Palácio de Latrão, o Vaticano, dinheiro em abundância, transformando o Cristianismo, fôrça viva de oposição ao meio, apolítica, em um Partido Político de fundo religioso, de carácter oficial, em substituição ao anterior, deposto, pagão. Deu-lhe o nome pomposo de Igreja Católica Apostólica Romana. Mandou construir a Igreja de São João de Latrão, a de São Pedro, a de São Paulo, em Roma, a de Santa Sofia, em Constantinópola, a da Natividade em Belém e a do Santo Sepulcro em Jerusalém, de 320 a 337 da nossa era. Até aí os templos dos judeus eram a Bethel, a Casa do Senhor e a Beth hah Kehila, a Casa de Comunidade, também conhecida por Casa da Pregação — Beth hah Midrash. Pregação — Beth hah Midrash. Templo em grego era «naós», navio ou nau e em latim «templum». Para não dar esses nomes às suas Casas religiosas, Constantino adotou o nome grego de Igreja, cerca de 300 anos depois da morte de Cristo e de seus discípulos diretos. Ora, como só se dá nome às coisas depois de descobertas ou criadas pelo homem, segue-se que a palavra igreja, pagã, grego-romana, não consta dos Livros Sagrados, nem foi empregada por Cristo, nem foi empregada por seus discípulos diretos. E' uma criação grego romana do tempo de Constantino, o primeiro a construir, na Terra, as primeiras igrejas do mundo.

VII. — A palavra grega é «ekkle-sia», latinizada em «ecclésia», que deu «igreja» em português, «église» em francês, «iglesia» em espanhol, «chiesa» em italiano, com a significação primitiva, em grego, de assembléia do povo grego, reunião política.

VIII. — Os princípios ideológicos do Cristianismo condenam a idéia de Igreja Católica Apostólica Romana, pois o Embaixador Divino não confiou a sua Doutrina aos homens mas ao Espírito da Verdade, conforme está documentado nos textos :

1. — *Apocalipse, XIX, 10* :

«Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia».

2. — *João, VI, 45* :

«Está escrito nos profetas: e todos serão ensinados por Deus».

3. — *Mateus, X, 20* :

«Porque não sois vós os que falais, mas o Espírito do vosso Pai é o que fala em vós».

4. — *Mateus, XVI, 17* :

«E respondendo Jesus lhe disse: Bemaventurado és Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos céus».

5. — *Atos, VII, 51/53* :

«Ó homens de dura cerviz e corações e ouvidos incircuncisos, vós sempre resistís ao Espírito Santo; assim como obraram vossos pais, assim o fazeis vós também. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? E mataram êles os que de antemão anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas: vós, que recebestes a lei por ministério dos anjos e não as guardais».

6. — *Atos, I, 8* :

«Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós e me sereis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até às extremidades da Terra».

7. — *Atos, V, 32* :

«E nós somos testemunhas destas palavras, e também do Espírito Santo, que Deus deu a todos os que lhe obedecem».

8. — *Atos, II, 16 a 18* :

«Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne e profetizarão vossos filhos e vossas filhas e os vossos mancebos te-

rão visões e os vossos anciãos sonharam sonhos. E, certamente, naqueles dias, derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas e profetizarão».

9. — João, XVI, 7 :

«Mas eu vos digo a verdade: a vós convém que eu vá; porque, se eu não fôr, o Consolador não virá para vós; mas se eu fôr, eu o mandarei para vós».

10. — João, XVI, 12/14 :

«Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Mas quando vier aquele Espírito da Verdade, êle vos ensinará toda a verdade, porque êle não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão por vir».

IX. — Ainda sobre a distinção de Culto exterior e culto interior, isto é, dos templos de pedra morta e do templo vivo do espírito humano, convém lembrarmos os textos :

1. — Jeremias, VII, 4 :

«Não confieis em palavras mentirosas, dizendo: Templo de Jehovah, Templo de Jehovah, Templo de Jehovah são estes».

2. — Mateus, XII, 6 :

«Digo-vos, porém: aqui está o que é maior do que o Templo».

3. — João, II, 19 a 21 :

«Deitai por terra este santuário e em três dias o edificarei. Mas êle se referia ao templo do seu corpo».

4. — Mateus, XXIV, 1, 2 :

«Tendo saído Jesus do Templo, ia-se retirando, quando se chegaram a êle seus discípulos para lhes mostra-

rem os edificios do templo. Mas êle lhes disse: Vêdes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada».

5. — Atos, VII, 47 a 50 :

«Salomão, porém, edificou-lhe uma casa. Mas o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos de homem; como disse o profeta: o Céu é o meu trono e a Terra é o estrado dos meus pés: que casa me edificareis vós, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Não fez, porventura, a minha mão todas estas cousas?»

6. — I — Coríntios, III, 16, 17 :

«Não sabeis que sois santuários de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o Santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que sois, santo é».

7. — I, Coríntios, VI, 19 :

«Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que habita em vós, o qual vos foi dado por Deus e que não sois de vós mesmos?»

8. — João, XIV, 28 :

«Respondeu-lhe Jesus e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a êle e faremos nêle morada».

9. — João, IV, 23/24 :

«Mas a hora vem e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; porque são êstes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e é necessário que os que o adoram, o adorem em espírito e verdade».

(Continua).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

UM GRANDE ESCRITOR PORTUGUÊS NO BRASIL

Esteve no Brasil, e em Nova Iguaçu, o ano passado, o diretor de **Estudos Psíquicos**, e autor de vários livros preciosos, como: **Pierino Gamba**, **Almas Errantes**, **Luz no Caminho**, **Ronda Espiritual**, etc. etc...

Estudos Psíquicos é a revista espiritualista mais bem feita que conhecemos. E nos desvanecemos de ser seu correspondente em Nova Iguaçu e seu colaborador constante...

Isidoro Duarte Santos, que é, além do mais, oficial da Marinha Portuguesa, compareceu até a dois programas comemorativos da **Bodas de Prata do Colégio Leopoldo**, com o ensino deste bonito pedaço de terra fluminense, que é Nova Iguaçu. Terra e natureza de que ele escreveu com magistral eloquência, incerta em sua substanciosíssima **Estudos Psíquicos**: «Nova Iguaçu é um retalho paradisiaco. Assim se justifica que Leopoldo Machado tenha sido poeta tãda sua vida. E que de tanto passear os olhos, sinto necessidade de sacrificar às musas e aproximar-me do Alto.»

Sôbre as festas do **Colégio Leopoldo**, escreveu, entre outras coisas: «No dia 21 de Abril, assistí à 4.^a reunião das **Bodas de Prata do Colégio**, presidida pelo seu Diretor, na qual o jornalista, Luiz Azeredo, diretor do **Correio**

da **Lavoura**, foi orador, etc. Também ali fui homenageado como «grande amigo, etc.» No fim, abriram-se quatro salas novas... **A sala José de Anchieta** que tive a honra de inaugurar...»

Isidoro Duarte Santos continua escrevendo crônicas de viagem admiráveis em sua **Estudos Psíquicos**. Vai, depois, reunir, essas crônicas em volumes, assim termine a série, para o gôzo espiritual de quem as lêr, enfeitadas em livros magnificamente impressos e apresentáveis. Já temos um livro, **Cientismo e Espiritismo**, que é edição sua, por que se poderá julgar como vai ficar o volume de suas crônicas admiráveis. A nós brasileiros, e êle que voltou um enamorado, um enfeitado, um apaixonado por nossa terra e por nossa gente, trata com largueza de cortezia e de bondade. E aos portugueses que, em Portugal não conhecem o Brasil: «Os portugueses de Portugal ignoram as explosões afetivas de que somos alvo no Brasil. Aqui aspira-se alacridade, confiança, alegria de viver», diz o insigne escritor, na crônica em aprêço.

E' um regalo d'alma lêr-se Isidoro Duarte Santos, tão sugestivo e substancioso é seu estilo! Escrevendo sobre o Brasil e os brasileiros, esse regalo aumenta de sugestividade, de substancialidade.

Pois que venha, quanto antes, seu grande livro de **Crônicas do Brasil**.

Será este seu título?

O Espiritismo está vos ensinando o caminho mais curto que vos conduzirá a um mundo melhor do que o vosso. Que o vosso apêgo às cousas mundanas e as vossas fraquezas sejam vencidos, afim de não tomardes caminho errado, longo, dificultoso e que termina num abismo. — MARIQUINHAS.

Os Grandes Iniciados, Jesus Cristo e o Livro «O Pentecoste»

Palmiro de Azambuja Neves

NÃO padece dúvidas o fato de que os espíritos de escól, as almas de elevação, polarizam-se em Deus, vindo com isso a se envolver na aura sagrada dos esplendores em geral, refletindo o poder da Fé, a fôrça do Conhecimento, a graça do Amor e sublimidade da Harmonia. Isto porque, simplesmente surgindo na esfera das mais penetrantes percepções, por evolução, podem elas atingir aconchegos vibratórios de elevado teor psíquico. E' a consonância, é a sintonização e a integração na Divindade!

Para alcançar semelhante estado de ser e estar, cumpre ao espírito realizar em si o problema da escalada moral e científica; em si, fica bem exposto, porque as conquistas do espírito jamais poderão dar-se de favor ou por acaso. E, se formos buscar na história das religiões os testemunhos, teremos de render solenes homenagens aos mais antigos Mestres ou Missionários

Vejamos êste têxto búdico, isto é, de uma doutrina que se perde na noite dos tempos, lastreada por mais de vinte Grandes Mestres, dispostos na ficira de milênios incontáveis:

«O Amor e a Ciência são fatores primordiais do Universo. Enquanto o espírito não os realizar, em si, ficará sujeito à lei das reencarnações dolorosas.»

Essa mesma verdade básica, que emana do TODO e envolve as criaturas destinadas à perfeição, acha-se exposta em todos os códigos iniciáticos da antiguidade, abarcando desde o legendário Ílma até Jesus, pontificando nas doutrinas de Rama, de Zoroastro, de Crisna, dos Patriarcas hebreus, de Hermes Trimegistro e dos grandes filósofos chineses, indianos e gregos, repontando magestosa também nas doutrinas órficas e pitagóricas. Todo o grande mundo antigo, a nata e a essência dos mais amadurecidos vultos da Humanidade, foram por isso mesmo radicalmente espiritualistas, simplesmente evolucionistas. A imortalidade da alma e a sua auto-evolução, através da lei das vidas sucessivas, engendrou, sustentou e fez pon-

tificar os pontos básicos da Fé e das consequentes certezas espiritualistas.

A questão reside, porém, no dever de algumas observações racionais, não místicas, pois a realidade, qualquer que seja ela, não precisa de misticismo algum a lhe endossar a natureza. Assim sendo, temos na Revelação, nos avisos do mundo espiritual, a causa que motiva e sustenta o maravilhoso edifício granítico das verdades imorredouras. Para exemplo, atenemos para dois vultos, Crisna e Jesus, como foram anunciadas as respectivas manifestações.

De Crisna, que viveu no décimo quinto século antes de Jesus, assim foi dito:

«Êle virá, aureolado de luz, êsse eflúvio puro emanado da Grande Alma, e as estrêlas hão de empalidecer diante do seu esplendor. Êle virá, e a vida desafiará a morte, e êle rejuvenescerá o sangue de todos os seus. Êle virá, mais doce do que o mel e a ambrósia, mais puro que o cordeiro sem mácula e a bôca duma virgem, e, então, passará por todos os corações o mesmo transporte de amor».

Êste mesmo Emissário do Céu, referindo-se à lei das vidas sucessivas e à lei da evolução, afirmou:

«Escutai o que êle (Deus) vos diz pela minha bôca; eu e vós, todos temos tido várias encarnações. As minhas só de mim mesmo são conhecidas; mas vós nem as vossas conheceis. Ainda que eu não esteja, pela minha natureza, sujeito a renascer ou a morrer, e que seja o Senhor de todas as criaturas, no entanto, como sou eu que dirijo a minha natureza, torno-me visível pelo meu próprio poder, e sempre què a virtude decline no mundo e que o vício e a injustiça a vençam, eu me tornarei visível, e me mostrarei de idade em idade para a salvação do justo, destruição do malévolo e restabelecimento da virtude».

Sua doutrina de verdade, de tolerância e de perdão, revela-se perfeita através desta assertiva melodiosa, que mais parece um cântico de renúncia:

«Da mesma forma que a Terra suporta os que a calcam aos pés, e lhe dilaceram o seio, lavrando-a, da mesma forma nós devemos retribuir o mal com o bem. O homem honesto deve tombar sob o golpe dos maus, como a árvore do sândalo, que, ao abater-se, perfuma o machado que a destruiu...»

Encontra-se no Livro de Isaias, sobre Jesus Cristo, a profecia que, entre outras coisas, sentenciá:

«Eis aquí o meu servo, eu o ampararei; o meu escolhido, nêle pôs a minha alma a sua complacência; sôbre êle derramei o meu Espírito, êle promulgará a justiça às nações».

«Foi oferecido, porque êle mesmo quis, e não abriu a sua bôca; êle será levado como a ovelha ao matadouro, e, como um cordeiro diante do que o tosquia, emudecerá, e não abrirá a sua bôca».

Se mais não tivesse feito Jesus Cristo, que proclamar e viver o Sermão da Montanha, isso bastaria para torná-Lo um dos maiores entre todos quantos Emissários o Céu enviou à Terra, com o fito de advertir os maus, honrar a justiça e restabelecer o primado da virtude. A doutrina de Jesus, que Êle afirmou ser do Pai e não Sua, contém tudo quanto as demais anteriores continham, constituindo mesmo a mais poderosa síntese das Revelações, o extrato das Verdades Reveladas.

Sempre, porém, que se tratar de Jesus Cristo, cumpre reconhecer a importância capital de Sua função missionária, no secularmente aguardado derrame de Espírito sôbre toda a carne. Acima dos anteriores Grandes Reveladores, muito acima, estão os dois fatos marcantes da função de Jesus Cristo — um é a Sua volta como espírito, para o prosseguimento da obra; outro é o fenômeno do Pentecoste, o cumprimento da Promessa ou Batismo de Espírito.

Para os indivíduos medíocres, místicos de baixo padrão e adeptos de palavras sem fim, e sem efeitos práticos reais, basta afirmar que Jesus falou em Deus, na imortalidade da alma e na sua necessária salvação. Basta, portanto, encarar a parte jamais negada a qualquer dos Grandes Emissários da Sabedoria Antiga. Se tudo quanto Jesus tinha a fazer,

falando e morrendo pela Verdade era isso, distinto fica que apenas haveria redundância em Sua função missionária, porque as chamadas Velhas Doutrinas de tudo isso estavam saturadas.

Vêde, pois, nestas poucas linhas, o resumo de todas as verdades fundamentais, a chave que abre, de início, as portas do supremo conhecimento:

«Tu trazes em ti mesmo um amigo que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem que o trazem lá. O homem que sacrifica os seus desejos e as suas obras ao Ser de que procedem os princípios de todas as coisas, e por quem o universo foi formado, obtém por êsse sacrifício a perfeição. Porque aquêle que encontra em si mesmo a sua felicidade, sua alegria, e, em si mesmo também, a sua luz, identifica-se com Deus. Ora, sabei-o, a alma que encontrou Deus libertou-se do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade».

Se Jesus, portanto, tivesse apenas vindo ao mundo para falar e tratar, daquilo que de tanto outros já haviam falado e tratado, não é certo que teria feito obra de redundância?

Quase sempre, na parte ocidental da Terra, quando se compara Jesus Cristo a alguém, é Moisés o vulto focalizado. E como entre os dois, as funções missionárias eram diversas, valem-se os fazedores de argumentos de algumas maneiras distintas de ação, para salientar a superioridade Moral da ação de Jesus, aí firmando a estrutura doutrinária do Cristianismo.

Pouca, muito pouca gente sabe discernir a palavra do Apóstolo, ao dizer:

«Porque a lei foi dada por Moisés, a Graça e a Verdade foi trazida por Jesus Cristo.»

Com apenas dois dedinhos de capacidade discernitiva, teríamos o conhecimento e a posse da função missionária do Cristo, o portador da Promessa. Vejamos êste texto, afirmativa do próprio Jesus:

«Quando vier porém aquêle Espírito de Verdade, êle vos ensinará todas as verdades, porque êle não falará

de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir».

Dois textos apostolares, um de Pedro e outro de Paulo, bastariam para iluminar qualquer mente dotada de boa vontade, de verdadeiro interêsse pelo conhecimento da Graça e da Verdade trazidas por Jesus Cristo. Ei-los:

«Fazei penitência, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque para vós é a Promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus.»

«E a esperança não traz confusão, porque a caridade de Deus está derramada em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado».

A função da Revelação ainda se acha exposta em muitos outros textos; note-se a fôrça de convicção destes dois outros, também de Paulo:

«E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito.»

«Para que a benção de Abraão fôsse comunicada aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que, pela fé, recebamos a promessa do Espírito».

E o Apóstolo João, para selar a tese, observando que Jesus Cristo veio ao mundo para edificar doutrina viva sôbre a Revelação, afirma:

«Caríssimos, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo».

É necessário rêsaltar duas verdades primaciais: a primeira é saber a espécie de doutrina que Jesus Cristo deixou no mundo, suas bases e finalidades; a segunda é o processo de uso, a racionalidade, o discernimento a que devemos atender, uma vez que, por ser doutrina realmente simples, reveladora da Verdade que é, facilitar toda e qualquer comunicação, dos mais elevados aos menos dignos elementos espirituais

Infere-se da própria ação de Jesus, no seio do povo, ao expelir maus espíri-

tos e, na transfiguração, ao manter colóquio com Moisés e Elias, que a diversidade, a complexidade ou dialética, jamais poderia ser dispensada em uma doutrina viva, real e prática, cuja natural finalidade é fazer conhecer a Verdade, é demonstrar o mundo espiritual planetário, assim como êle é, habitado de elementos de variados graus hierárquicos, animados de variantes propósitos.

De grande alcance, portanto, a frontal advertência de João, mandando discernir entre os agentes comunicantes, porque os mentirosos também podem se valer da canalêta mediúnica, para falar aos encarnados.

E, de qualquer modo, aí temos a doutrina de Jesus, do maior vulto da História planetária, do Missionário que venceu as barreiras da Morte, retornou como espírito, guiou Seus discípulos, preparou condições favoráveis para o Batismo de Espírito e cumpriu cabalmente a sua tarefa. O Pentecoste foi o vinco sagrado, testemunhou a supremacia de Jesus Cristo, porque marcou o início da Revelação para toda a carne. Isto é, aquilo que se passava entre paredes, como por exemplo entre os Essênios, a Escola de Profetas de Israel, onde Êle esteve durante os anos de Sua juventude; aquilo, digo, que era feito entre paredes, mantido em segredo e tido como indevasável, isso mesmo veio Jesus trazer para toda a carne.

Do ponto de vista missionário, confundir Jesus com outros vultos quaisquer é obra de médiocres ou de gente de má fé; porque a Sua função continha o poder de vencer a Morte, manter contacto com os discípulos, batizar em Espírito e deixar a Igreja Viva.

Corromper essa Igreja Viva, liquidá-la, isso estaria a cargo dos homens, como de fato esteve, pois no quarto século Roma fundou o Catolicismo, impondo idolatrias e repelentes práticas em nome de Deus e de Jesus Cristo. No Apocalipse, fôra anunciado muito antes, a corrupção não deixaria de vir e medrar no seio da Humanidade. O próprio Jesus, durante Sua vida terrena, assinalou que haveria, no porvir, necessidade de restaurar a Sua doutrina. Jesus afirmou, de fato, que o espírito de Elias retornaria, para repôr as coisas no lugar.

O Espiritismo aí está, vencendo tôdas as barreiras que a mediocridade lhe põe pela frente, alastrando-se pelo mundo,

levando a doutrina de Jesus a todos os recantos da Terra. Nêle revivem, formidavelmente, os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos, bem como os três capítulos mais intensos e diretos de Paulo, o doze, trêze e quatorze da Primeira Epístola aos Coríntios. Cinco capítulos que, lidos e entendidos, apresentam a verdadeira doutrina do Cristo, a Síntese geral.

E' porque surgiu um livro, na biblioteca espírita, capaz de imenso trabalho iluminador, que escrevo estas linhas. O PENTECOSTE não é, realmente, apenas um livro; é uma fonte de luz e de Verdade. Em sua singeleza, contendo textos

da Sabedoria Antiga, textos do Velho Testamento, dos Evangelhos e das Epístolas, êle põe o leitor diante de verdades vigorosas, incontestáveis, obrigando a saber a distinção que há entre os chamados Grandes Iniciados e Jesus Cristo. Foi Jesus quem mandou procurar a Verdade, a fim de, por ela, conseguir a libertação; temos observado, depois de avassalar livros e mais livros, que ainda muitos livros devem ser lidos, para que se chegue a descortinar a Verdade. O PENTECOSTE é um dêles, é dos indispensáveis; é necessário a quem deseje, de fato, conhecer a função missionária de Jesus Cristo.



Nasceu com duas Cabeças

General LEVINO C. WISCHRAL



A notícia desceu célere, das Alterosas. Os diários estamparam-na em letras graúdas e vermelhas, na primeira página, e os jornaleiros, em voz estridente, gritavam pelas ruas: «A CRIANÇA QUE NASCEU COM DUAS CABEÇAS!»

O notável acontecimento abalou os cérebros de toda uma nação e compungiu milhares de corações. Os comentários sucediam-se, sem cessar, em torno da «monstruosa» criatura recém-nascida, chamada pela ciência de «caso teratológico».

À noite, em um dos trabalhos doutrinários, na Cruzada dos Militares Espíritos de Curitiba, durante aquele ano de 1954, foi ventilada a hipótese da possibilidade de existir apenas um espírito no organismo daquela criança, nascida com duas cabeças, dois troncos, quatro braços, tendo normal a parte baixa do tronco, isto é, a bacia e as duas pernas. Os trabalhos mediúnicos seguiam regulares quando, já no final, manifestou-se através do médium Hercílio o espírito de nosso irmão do espaço — Leovigildo — conhecido também como «Repórter do Além», entidade boníssima e dada a investigar os casos tidos como raros; esclarecer e instruir os assistentes da sessão era o seu gosto.

Ouçâmo lo: — «Naquela criança, em realidade, o que se processou foi a reencarnação de duas almas; lá estão dois inimigos acérrimos, que nunca puderam suportar-se durante os últimos quatro ou cinco séculos de suas vidas passadas. Nas-

ceram assim, à semelhança de certos irmãos siameses, unidos para se harmonizarem mutuamente, a fim de anularem vibrações grosseiras acumuladas em suas auras, durante dilatado tempo, pois, como sabemos, as leis de Deus, ininterruptamente, tudo procuram equilibrar e harmonizar.

Para que vós, os presentes a esta sessão, não sejais conduzidos a pensar numa possível injustiça divina, passarei a contar a história destes dois espíritos, história que nos mostrará que não existe efeito sem causa, e que no seio da criação de Deus tudo deve funcionar em perfeita ordem, paz e concórdia, dentro de um sentido de justiça superior. Êstes nossos dois personagens, grandes sofredores, aliás, há mais de 500 anos atrás, estavam encarnados em corpos sadios e bellos, exibindo as vestimentas de orgulhosos acadêmicos na cidade de Lion, em França. Acontece que os jovens, usando do seu livre arbítrio e dos lampejos de amor próprio da juventude, enamoraram-se da mesma donzela, linda, feliz e rica. Esta, vendo-se intimamente cortejada e recebendo os galanteios dos dois rapazes, igualmente beios, afortunados, talentosos e valentes, teve, por fim, e a contra-gosto, de se decidir por um dêles. O rapaz aceito e preferido pela jovem donzela, em vez de se manter em atitude discreta e humilde, dedicando-se apenas ao amor bem sucedido, começou, com estardalhaço, a ostentar em público um orgulho tolo, a par

de uma satisfação quase arrogante, principalmente para com o amigo, por ter sido o vencedor naquela rivalidade amorosa, em que agora tomavam parte três famílias, lutando entre si, sem parar. Longe estavam, pois, do «amai-vos uns aos outros» e do «não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem». O outro rapaz — o que perdeu a jovem — macambuzio e humilhado em seu amor próprio, por ter sido vencido por aquele a quem julgava inferior em tudo e, principalmente, por causa de sua atitude áspera, rude e provocante, sentiu crescer dentro do seu coração o orgulho ferido, o ciúme atroz e a inveja a dominar-lhe o cérebro. Entregando-se completamente a sentimentos inferiores, levado até ao obscurecimento de sua razão, influenciado pelas vibrações de ódio e impulsionado pelo álcool, encontrou o moço uma fugaz oportunidade de vingança. Como louco furioso, saca de um punhal e assassina o seu competidor que, até meses atrás, fora o seu mais estimado amigo!

Êstes fatos processaram-se nos primórdios do ano mil e quatrocentos. O tempo passa e, em breve, pudemos observar os dois espíritos reunidos novamente nos planos espirituais, atraídos, um para o outro, pela angústia de suas consciências; lá estavam prometendo a seus mentores de reencarnação que se iriam corrigir, restabelecer a concórdia entre si e desfazer a pesada e inferior carga de vibrações nas quais se envolveram quando em seus corpos carnis, antes de suas desencarnações. Banhados em lágrimas, de tanto padecer, juravam que haveriam, ambos, de procurar uma vida de sentimentos mais puros, dentro do amor fraterno que deveria unir a todas as criaturas. Em vista dessa promessa sagrada, foi-lhes concedido novo nascimento terrestre, na ilha Sicília, da Itália, cem anos após êsse seu encontro no espaço; deveriam juntos iniciar novo ciclo de reajuste e harmonização.

Nesta reencarnação, na ilha Sicília, um deles se entrega ao trabalho de construção de barcos, montando um bem aparelhado estaleiro. Os negócios começaram a florescer e, no propósito de ampliar as docas, um convida para sócio justamente o antigo companheiro, ou seja o que êle havia assassinado em vida anterior, em Lion. Podeis observar, caros irmãos, quão sábia é a Justiça Divina reunindo na car-

ne, novamente, aqueles espíritos que se endividaram mutuamente, a fim de que pudessem, por meio do amor fraterno e da compreensão, nessa nova experiência terrena, dominar seus sentimentos maléficos, eliminando, desta maneira, a carga de vibrações venenosas que os unia pelo ódio, manietando e agrilhoando um ao outro por longos anos de angústia!

A sociedade mercantil foi organizada e, aparentemente, tudo corria às mil maravilhas. Os dois sócios se entendiam e o negócio prosperava. Alguns anos mais tarde, porém, em virtude da difícil situação econômica da Europa, a empresa começou a falir; enquanto isso, estabelecia-se entre os dois sócios um clima de desconfiança e antipatia, imperfeição essa oriunda ainda das vibrações de rancôr, do passado, que os dois sócios não conseguiam apagar e que continuava vivo em seus subconscientes. O ressentimento e a desconfiança iam se avolumando cada vez mais, à proporção que a ruína batia às portas da sociedade. A repulsão entre ambos chega ao ponto culminante e, mais uma vez, durante uma discussão, na qual o sócio mais poderoso do estaleiro acusa o seu consórcio de ladrão e deshonesto, engalfinham-se os dois, em violenta luta corporal, quais indomáveis feras, reavivando-se mais ainda o ódio entre os dois velhos inimigos de encarnações passadas! Esta luta, expressão máxima da fúria de seus sentimentos recalçados, termina com a morte, por estrangulamento, do chefe dos estaleiros, justamente aquele que havia, em existência passada, sido o matador!

Como vemos, mais outras dívidas foram contraídas; novos e maléficos fardos vibratórios foram acumulados, e outra preciosa oportunidade de reajuste foi inutilmente desperdiçada, sem o mínimo aproveitamento! Mas, meus irmãos, a bondade divina é ampla e infinita. Por isso, novo ajuste de paz e amor foi idealizado pelos dois, em presença de seus guias espirituais. Muito sofreram ambos, nas trevas purgatoriais de suas consciências, até que, oitenta anos após às suas últimas desencarnações, vamos encontrá-los renascidos sobre a Terra. Desta vez, um deles encarna-se como negro, nas florestas da África, e o outro no Brasil, onde se torna rico proprietário e latifundiário, senhor de escravos na cidade de Santos. Atendendo à necessidade de se reajustarem de uma vez para sempre, o que se encar-

nara como selvagem para aprender a dominar seu orgulho e se tornar humilde e virtuoso foi transportado como mercadoria, do continente africano, no ano de 1780, em infecto porão de navio negreiro, para o Brasil colonial. Sobrevivendo à fome cruel e às múltiplas doenças durante a perigosa travessia, foi finalmente arrastado ao mercado de escravos, naquela cidade, para ser vendido por alguns patações. Do Alto apreciava-se, nessa feira de escravos, o tão ansiado reencontro dos dois espíritos, multiseculares inimigos. O rico fazendeiro, que visitava a feira de escravos, sentindo um quê indefinível, uma potente atração por aquele escravo humilde e semi-nu, adquire-o imediatamente e o conduz a seus domínios.

Como podereis observar, diletos irmãos da assistência, não existe o acaso, o «talvez», nem o fortuito no destino dos indivíduos; tudo está previsto e subordinado às sábias leis dos reajustes, de atração; tudo se processa em moldes de emancipação, libertação e evolução da alma.

Veremos agora como êstes dois espíritos, grandemente endividados, fracassaram mais uma vez, malbaratando, igualmente, preciosas oportunidades que Deus misericordiosamente lhes ofereceu: A vida na fazenda corria normalmente quando, de certa feita, adoece o seu proprietário, vítima de misteriosa febre que ninguém conhecia. Todos os médicos das redondezas foram em vão chamados; o fazendeiro parecia mesmo condenado à morte! Eis quando alguém lembra o nome do negro recém comprado, por sabê-lo curandeiro na África, entre os da sua tribo. Como última esperança, é o preto chamado à presença de seu amo enfermo. O cativo, aproveitando bem esta esplendida e divina oportunidade, domina, instintivamente, seus sentimentos em relação a seu opressor e, aplicando seus conhecimentos e seu poder curador, trata-o com certas ervas, conseguindo, graças a Deus, curá-lo imediatamente. Daí em diante, estabelece-se entre os dois, que eram inimigos irreconciliáveis de passadas encarnações, uma salutar e higienizadora onda de vibrações superiores, primeira luz, aliás, a se fazer nas densas trevas de ódio, inveja e vingança que, durante séculos, envolviam os dois. O

fazendeiro, agora curado, bem depressa, porém, esquece a resolução que tomara em seu leito de enfermo visando beneficiar o negro que o salvara da morte certa. Os afazeres diários, os negócios complicados, as preocupações de mais ainda possuir e, principalmente, o orgulho, infelizmente, apagaram rapidamente aquele nobre sentimento de gratidão no peito do fazendeiro; tudo se desfez, sendo o prestimoso escravo relegado ao esquecimento, voltando ao ambiente infecto, junto à turba anônima da senzala.

A despreocupação para com uma vida mais cristã e as investidas de vaidade e da presunção de ser o maior latifundiário da província, fizeram com que, mais tarde, o fazendeiro, deixando-se dominar por seus impulsos animalescos, mandasse, por questões de somenos importância, (desconfiança de furto de laranjas da despensa) amarrar ao pelourinho o seu companheiro de outras vidas passadas e benfeitor desta, indo puni-lo pessoalmente, crivando-o de chibatadas sem conta, com a violência desperta do ódio acumulado de transatas existências! O negro escravo, até aí humilde e conformado, não resiste e sente renascer dentro de seu íntimo uma brutal onda de revolta contra seu senhor, que o punia injustamente. De modo instintivo, porém súbito, reconhece nêle, como em mágica têla mental, o seu cruel inimigo de remotas épocas passadas; tudo revive instantâneamente!!! Nesse momento, lança contra seu senhor as mais pesadas imprecações, amaldiçoando-o, com ferinas demonstrações de desprêso e repugnância através de enraivecido olhar! O arrogante patrão, não mais podendo controlar-se, investe com incrível fúria contra o negro, matando-o a chibatadas, enquanto pisa e repisa com a bota o rosto do africano tombado em uma poça de sangue! A explosão de ódio, por parte do fazendeiro, nesse infeliz encontro, foi tão terrível que o mesmo, ao se retirar ofegante do local, deu apenas alguns passos, caindo fulminado, vítima de um derrame cerebral, ao lado de seu ex-benfeitor!

Podeis verificar, caros irmãos, quão grande se tornou a dívida dêstes dois espíritos, renitentes e teimosos que, por muitas vezes consecutivas, haviam repetido os mesmos erros, insistindo no mal e envenenando-se até quase à asfixia

pelas vibrações inferiores com que se envolviam.

Continuemos, porém, a narrativa: Ambos, no plano espiritual, decorrido pesado sofrimento nas trevas, procuram-se de novo, atraídos como se fossem dois poderosos ímãs, e se engalfinham, mesmo como espíritos, numa luta impiedosa, rolando pelos abismos do umbral (conhecido pelo povo como «purgatório») esquecidos de que eram parte da centelha divina, e esquecidos até do próprio tempo! E assim permaneceram longos anos a se degladiarem mutuamente. Passa-se, porém, o tempo e, cansados de lutas por tantos anos, sem resultado algum, acordam pela dor, que agora se tornara insuportável. Em um feliz momento, lembram-se de Jesus, o Cristo-Médico das almas enfêrmas, a quem suplicam auxílio, rogando sejam retirados do infernal ambiente em que se encontram. Imediatamente são os infelizes conduzidos, mais uma vez, perante seus mentores, seus Anjos de Guarda, quando então se faz a luz em suas mentes obscurecidas, passando a se recordarem nitidamente de suas diversas vidas anteriores; arrependem-se amargamente de suas ações, reconhecem as inúmeras e preciosas oportunidades desperdiçadas, fazendo, em razão disso, solenes promessas de regeneração, para finalmente suplicarem um novo renascimento terreno. Juraram, com as mãos postas sôbre o Evangelho, realizarem a definitiva reconciliação e manter o amor fraterno, tudo entre demons-

trações de confiança e efusão de alegria. Os mentores, porém, os advertem de que, desta vez, terão que reencarnar em condições mais dolorosas, já que as passadas encarnações não foram devidamente aproveitadas. Receberiam um corpo físico em condições excepcionais, adequado às almas que têm enormes dívidas acumuladas. Esperançosos, com tudo concordaram os dois espíritos, entregando-se corajosos a mais uma experiência de duras expiações. E eis que, ao acordarem na matéria densa, após uma longa e pesada noite de quase duzentos anos de escuridão e de preparo, verificaram, estarrecidos, que ambos ocupam o mesmo corpo carnal! Sim; um mesmo e único corpo físico, indivisível! Unidos agora, como nunca, numa aliança indissolúvel, aguardam os dois inimigos a Justiça de Deus, para que, desta vez, aprendam finalmente o «amai-vos uns aos outros».

A mãe atual desta criança «monstro» é a reencarnação de uma linda donzela que viveu em Lion, no ano 1.420, todos merecendo a dura expiação pela qual estão passando.

Estas foram as últimas palavras de Leovigildo, o querido «Repórter do Além».

Encerrada a sessão, retiramo-nos daquele recinto sagrado, profundamente impressionados e; no silêncio da noite, meditávamos sôbre o tema: «A sementeura é livre, mas a colheita é sempre obrigatória».

P A X.

Crônica Estrangeira

Sêlo Comemorativo

A emissão do Sêlo Comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo está sendo apreciada pelos jornais e revistas da Europa.

«Two Words» em sua edição de 30 de Março assim comenta o fato:

«O Brasil Honra o Espiritismo com a Emissão de 5 Milhões de Sêlos

A força do nosso movimento no Brasil ressalta do fato de ter sido ordenada pelo seu governo, a emissão de

5.000.000 de sêlos para comemorar o Centenário do Espiritismo.

No mês entrante completar-se-ão 100 anos da publicação do «Livro dos Espíritos», por Allan Kardec, o pioneiro Espirita, acontecimento que consideram o começo do movimento organizado. Por milhões de espíritas brasileiros «O Livro dos Espíritos» é considerado sua Bíblia.

A princípio foi sugerido o sêlo comemorativo e o clero católico opôs formidáveis objeções. O governo concordou com o pedido dos espíritas, graças ao enorme respeito de que gozam no Brasil, onde construíram, ao menos, 15 hos-

pitais completamente equipados que dão tratamento gratuito e possuem suas próprias estações emissoras.

Há ao menos uma cidade cujos habitantes são espíritas!

Pode-se avaliar a influência do movimento espírita no Brasil pelo fato de ter sido formada uma companhia para representar peças espíritas, sob os auspícios do secretariado governamental.

Allan Kardec é o *nom-de-plume* de Leon Denizarth Hippolyte Rivail, nascido na França. A êle sobretudo coube a tarefa de pôr o Espiritismo no mapa, da França e da América do Sul.

«Two Worlds» reproduz a foto do Sêlo Comemorativo com a seguinte explicação:

«E' esta a foto do sêlo — 5.000.000 estampado pelo Governo Federal para comemorar o Centenário do Espiritismo organizado naquele país. O nascimento do movimento é de 1857, quando «O Livro dos Espíritos», por Allan Kardec, foi publicado. E' por isso que no Sêlo figura o livro aberto».



O 1.º Centenário do Espiritismo

«Estudos Psíquicos», de Portugal, em sua edição de Março publica o seguinte sôbre o sêlo comemorativo do 1.º Centenário do Espiritismo, com a publicação do clichê do sêlo:

No próximo mês de Abril será comemorado o 1.º centenário do Espiritismo em todo o mundo. Acontecimento de suma importância pelo significado que reveste, nenhum adepto lhe regateará o seu concurso. Cem anos de luta na defesa de um ideal, respondendo a motes, aparando golpes de toda ordem, doutrinando e divulgando com prejuizo material, sentindo obstáculos na própria família, escapulindo ao sorriso do falso amigo, como se a condição de espírita fosse crime de morte ou roubo de igreja; cem anos a trabalhar em proveito dos outros, a desbravar charneças, a abrir caminhos na selva ingrata sem um centil de salário, mas com alegria de alma, com satisfação e esperança em dias melhores, merecem ser lembrados e comemorados.

O Brasil dará talvez o maior exemplo

de regosijo espiritual, porque nessa vasta região a Doutrina se tem afirmado de mil formas diferentes e concitado a atenção de todas as classes sociais. Assim, o Departamento dos Correios e Telégrafos solicitou do ministro da Viação e Obras Públicas autorização para emitir cinco milhões de sêlos de Cr.\$2,50 alusivos ao grande acontecimento e cujo facsimile publicamos.

Mas a questão tornou-se difícil, chegando a assumir aspectos misteriosos na burocracia do Estado, que se dilataram durante um ano de expectativa. A Federação Espírita Brasileira iniciou silenciosamente o trabalho, fornecendo o clichê com a efigie de Kardec. Procurou funcionários de categoria na Casa da Moeda, foi a Comissão Filatêlica que deu parecer honroso, mas quando a questão chegava ao Ministro, desaparecia o processo. Nova cópia e novo trabalho. E novo desaparecimento do processo, quando chegou ao Ministro. Ao cabo de incriveis esforços, lá foi encontrado novamente no fundo de uma gaveta. Promessas, promessas, promessas. Alguma coisa havia que se opunha à realização do empreendimento. E porque? Não se tinham emitido sêlos comemorativos católicos e protestantes?

Mobilizaram-se todas as forças possíveis, incluindo políticos em evidência, e o assunto estava parado e amarrado a pedido do Cardeal! O Presidente da Federação Espírita Brasileira enviou telegramas ao presidente da República e ao Ministro da Viação, sem qualquer resultado efetivo. Foi quando *O Cruzeiro* publicou a noticia do selo com a gravura na sua edição de 5 de Janeiro de 1957.

Fosse pelo que fosse, o certo é que o Ministro autorizou a emissão e podemos contar, desde já, com mais um grande triunfo, apesar da guerra que o clero brasileiro está movendo ao Espiritismo.

Manda a verdade que se exalte o Dr. Wantuil de Freitas e seu filho Zeus Wantuil, que foram, por assim dizer, os vencedores do prêmio que se travava. Temperados à luz do Ideal, não desancaram nem desanimaram. Devem estar contentes.

As festas comemorativas prometem ser notáveis. Do norte ao Sul do Brasil milhões de almas se movimentam no mesmo sentido, ciosas de liberdade e

fraternidade. Querem uma pátria maior e mais bela, onde a lei iguale os homens e cada um possa exprimir a sua idéia. O ano de 1957 vai ser decisivo no tocante à expansão da Doutrina e Portugal contribuirá também com o seu esforço para o brilhantismo do Centenário.



A casa do terror

«Estudos Psíquicos»

De *Fate* extraímos o seguinte caso, devido à pena de Emil Zubrin e que traduzimos em versão livre.

Na cidade Cuernavaca, a menos de oitenta quilómetros da Capital mexicana, ergue-se uma bela construção de cinco andares que se encontra desabitada há mais de dez anos. É conhecida por *La Casa dos Espantos* (A Casa do Terror), devido às aparições de fantasmas que lá se têm verificado, apesar de ficar próxima da Catedral, do Jardim Borda, do Hospital Civil e do Hospital da Cruz Vermelha.

A sr.^a Villeça de Nuñez, que vive nas proximidades da casa, diz que passou lá uma vez à meia-noite e viu um padre sair da porta, atravessar a rua e

entrar na Catedral pela porta aferrolhada e encadeada. Jura, mesmo, que era um visitante do outro mundo e agora tem medo de passar naquele sítio.

Os inquilinos não aquecem o lugar na *Casa dos Espantos*. Uma noite, duas noites... Uma semana já é muito. E todos se queixam de aparições e ruídos vários.

Jesus de Eguiluz, que uma vez à meia noite passou lá num caminhão, sentiu o carro estacar, como se movido por força invisível. O veículo deteve-se precisamente em frente da casa assombrada e ele viu sombras misteriosas a sair do edifício. Quando o carro se pôs em andamento ficou tão assustado que se dirigiu à esquadra de polícia e dois agentes o acompanharam até à *Casa dos Espantos*, mas não viram coisa alguma.

Houve inquilinos apavorados que abandonaram a casa e foram dormir no Jardim Borda, voltando lá no dia seguinte para levar a mobília e abandonar aquele foco de disturbios.

Os habitantes de Cuernavaca contam estes episódios aos turistas estrangeiros em ar de graça, mas o caso é que se encontra lá um prédio moderno de belíssima construção, onde ninguém deseja viver...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Educandário «Euripedes» —
Campinas

A 2 de Dezembro p.p. realizou-se a solenidade do lançamento da pedra fundamental, em terreno doado pelo Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Janio Quadros, localizado na Fazenda Santa Elisa. A festividade teve a prestigiá-la elementos de destaque dos Governos, Federal, Estadual e Municipal; A reportagem conseguiu anotar os seguintes Srs: Jornalista Luso Ventura, orador oficial, representando o Exmo. Snr. Prefeito; Vereador João Lanaro, representando a Câmara Municipal; Deputado Estadual, Prof. Farabulini Junior, representando o Presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Dr. Juiz de Direito de Campinas, Dr. Juiz de Menores; Major Genesisio Nitrini,

Comandante interino do 8.º B. C. de Campinas, inclusive médicos, advogados, jornalistas e outras pessoas gradadas da terra das andorinhas. Entidades espíritas de S. Paulo, Franca, Jundiaí, Mogi-Mirim, Itapira, Amparo e outras cidades, enviaram, devidamente credenciados, os seus representantes.

Abrilhantando a manhã belíssima desse dia, fez se ouvir a Banda da Força Pública local, sob a regencia do Maestro Sargento Osvaldo Venturini.

Iniciada a reunião às 9 horas, terminou às 11, após a palavra de diversos oradores, que foram apresentados pelo irmão Odair, Dr. Carmine Campagnoni e Gustavo Marcondes.

À tarde, às 14 horas, foi inaugurado um Bazar Beneficente sob a direcção das Damas Espíritas Campineiras.

Como complemento, às 18,30, sob a

direção do Dr. Carlito Maia, estimado locutor e Mestre de Cerimônias, tinha lugar o Festival da Juventude. O salão, lindamente decorado, apresentava painéis vivos de graça e beleza da mulher campineira e uma seléta e luzida platéia ocupava as mesas, espalhadas pelo imenso salão de recepção do Centro Espírita «Allan Kardec». Carlito Maia vem ao pros-cênio e, após uma salva de palmas, anuncia o programa sob sua supervisão.

Começa o desfile dos astros. Tenores, Sopranos, e Cantores de Folclore, deliciam os presentes. Solistas de violão, e o consagrado BOVE, extasiam o auditório em numeros de piano. Humoristas e artistas de outros generos, dão a nota em numeros de comicidade que alegam a petizada.

Agora surge o Ballê em quadros de profunda beleza.

As horas se sucedem maravilhosamente num misto de encanto e fidalguia. Tudo é sorriso, lirismo e poesia, a emoldurar o coração dos convivas que prestigiavam esse espetáculo inesquecível.

22 horas. E' chegado o momento principal da festa. Gentilmente cedido pela Direção do Tenis Club local, a passarela verde e florida em alto relevo, para o monumental «Desfile de Modas». Jovens e graciosissimas criaturas, exibem as criações da alta costura local e, durante uma hora e trinta minutos, a elegância das filhas de Eva, recebem os aplausos ardentes e sinceros. As 4 Estações do Ano, têm a sua apoteóse coroada pelo «Desfile Infanto-Juvenil». Afinal — disse alguém, em futuro, também hão de fazer o seu «debut» e portanto, merecem com mais carinho, um lugar ao sól...

23.30 horas. — Consumat est... Abraços, beijos, palmas, expressões de ternura, bondade e simpatia e um agradecimento espontâneo da Direção Central a todos que, espíritas ou não, souberam compreender o elevado alcance dessas festividades cujo objetivo maior, é o de se conseguirem fundos para a manutenção de crianças desvalidas vivendo ao léo e ao Deus dará.

«O Clarim», a «Revista Internacional do Espiritismo», «Ilustração Espírita» e o «Club dos Jornalistas Espíritas» tiveram a representá-los o cronista e correspondente na Capital,

Vicente S. Neto.

Corrida dos Filatelistas ao primeiro Sêlo Espírita

Funcionários dos Correios e Telégrafos na Séde da Federação efetuando as primeiras vendas — Adquiridos, Cêrca de Duzentos Mil no Primeiro Dia

Cêrca de 200 mil sêlos postais comemorativos do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo foram vendidos, 5.ª feira, das 8 às 19 horas, no Correio Geral e na séde da Federação Espírita Brasileira. O primeiro sêlo postal, com motivo espírita, emitido no mundo, por uma concessão especial do diretor dos Correios e Telégrafos, foi vendido por funcionários daquêle Departamento na própria séde da Federação Espírita, ocasionando verdadeira corrida dos filatelistas desejosos de obter a novidade para suas coleções. Também foi usado, na ocasião, um carimbo alusivo a Codificação do 1.º Centenário do Espiritismo, despertando grande interêsse dos colecionadores.

PRIMEIRA EMISSÃO



Primeiro Sêlo postal com motivo espírita emitido no Mundo, para comemorar o Centenário da Codificação do Espiritismo

Na primeira emissão foram feitos 5 milhões de selos para serem vendidos em todo o território nacional. A data marca o início, há cem anos, da Codificação Kardequiana, surgida na Capital da França com a publicação por Allan Kardec do livro de alcance filosófico, moral e social, intitulado «Le Livre des Esprits», contendo todos os princípios da doutrina espírita. O desenho do sêlo, em formato retangular horizontal, apresenta na margem superior, em duas linhas horizontais, as

palavras «Brasil Correio», e abaixo destas a taxa «Cr. \$ 2,50». Na base, na sua metade direita, em caracteres brancos sôbre fundo unido, a inscrição «1957» — 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo». Como motivo principal, interpretado a traço, destacam-se: no primeiro plano, à esquerda, o busto do Codificador Allan Kardec, sob o qual, em caracteres unidos, sôbre o fundo branco, nome «Allan Kardec». À direita, em segundo plano, um livro aberto simbolizando «O Livro dos Espíritos», encostado a um globo. O desenho foi elaborado pelo Sr. Bernardino Lancetta, funcionário da Casa da Moeda, autor de vários outros desenhos de selos comemorativos.

De «O Globo», do Rio de Janeiro, de 20/4/57.

O Governador Espírita em Plena Semana Santa

O Sr. Magalhães Barata, Após Ouvir Sermão Contra o Espiritismo do Arcebispo do Pará, Presidiu a Uma Sessão Sôbre a Codificação do Espiritismo

Belém, 19 (Especial para o GLOBO) — Nas cerimônias da Semana Santa foi assinalado curioso episódio entre o Arcebispo Metropolitano D. Mário Miranda Vilas Boas, que se está despedindo por ter que viajar para Salvador, e o Governador Magalhães Barata. O arcebispo, durante a missa pontifical com a cerimônia do Lavapés, proferiu um sermão sôbre eucaristia, lembrando aos fiéis que é hora de vivermos em amor, concórdia e caridade em Jesus Cristo. Perante a Catedral lotada, afirmou que o espiritismo não é uma religião, muita vez se apresentando como autêntica mensagem de Satanás. Suas últimas palavras foram de apêlo para que os fiéis voltassem suas almas para os mistérios do altar.

O GOVERNADOR E O ESPIRITISMO

Poucas horas depois da preleção do Arcebispo, o Governador Magalhães Barata comparecia a séde da União Espírita Paraense a fim de presidir ao encerramento das festividades do primeiro centenário da codificação do Espiritismo. De-

pois de vários oradores se referirem ao Espiritismo e ao trabalho de Kardec, falou o Governador. Recordou fase de sua vida quando oficial da ativa do Exército servindo em Pôrto Alegre, época em que se entusiasmou pelo Espiritismo lendo muito a respeito e acreditando na doutrina. Tempos depois, premido pelas circunstâncias de ordem política e administrativa foi deixando de frequentar reuniões espíritas. Mas, guardava em seu coração e crença na verdade espírita. A seguir, referindo-se aos acontecimentos políticos que nos últimos dias têm agitado Belém em virtude da vitória da oposição no pleito da Assembléia Legislativa, o Governador fêz patético apêlo à comunidade espírita. «Todos devem orar para que reine a paz espiritual no Estado porque estou cansado de lutas. Não as quero mais. Peço a meus adversários que a elas não me façam voltar. Desejo, apenas, trabalhar em benefício da nossa terra».

Frisou que divisava um horizonte escuro, prenúncio de repetição de acontecimentos que já se registraram no passado porque seus adversários querem arrastá-lo à luta. Apelou para que as orações espíritas afastem êsse sentimento da oposição, pois se continuarem êle aceitará luta «pois não sou homem de fugir delas».

Em nome dos espíritas paraenses, respondeu ao Governador o Sr. Lauro Monteiro, presidente da União Espírita, afirmando que o apêlo do Governador não cairia no esquecimento, pois os espíritas orarão para orientar os seus adversários.

«O Globo» de 20-4-57, do Rio.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 188.232,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 6 de Abril de 1957

À hora regimental profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Comunica sua satisfação pela integração dos Espiritistas de Mato Grosso, na FEB, empossando o representante da Federação Espírita de Mato Grosso, Conselheiro Clemente Martins. Faz, em seguida, um histórico dos últimos acontecimentos relativos à emissão do «Sêlo Postal Espírita», apresentando inúmeros jornais, espiritistas e profanos, que publicaram a fotografia do sêlo. Relata, também, o intenso combate movido pelo clero contra essa emissão, não só através da imprensa, como dos púlpitos de quase todas as igrejas do Distrito Federal. Manda ler pelo Secretário a Ata anterior, que é aprovada. No expediente é lido cabograma do Dr. Canuto de Abreu, congratulando-se pela passagem do Centenário da Codificação e comunicando sua contribuição com o lançamento do «Primeiro Livro dos Espíritos», de sua autoria. Falam, a seguir, os representantes de todas as Federações Estaduais, relatando o grande trabalho dos mesmos, para maior brilhantismo das comemorações de Abril, pela imprensa, pelo rádio, por afixação de cartazes alusivos ao Centenário, em homenagem carinhosa a Allan Kardec.

Às dezesseis horas, com a prece feita pelo representante do Amazonas, declara o Presidente encerrados os trabalhos da reunião.

Dr. Menotti Del Picchia

A convite do Prof. Emilio Manso Vieira, da Federação Espírita do Estado, ocupou a tribuna daquela casa de cultura e orientação espiritual a 13 de Janeiro findo, o ilustre e culto beletrista, acima citado.

Orador, tribuno, sociólogo e pensador emérito, o nobre poeta que representa S. Paulo no Palácio Tiradentes e é uma das mais belas expressões do País, glória da Academia Brasileira de Letras, ao pisar o solar da Rua Maria Paula, 158, foi carinhosamente recebido pelos seus Dire-

tores e, após as apresentações de praxe, precisamente às 10,30 horas falou da tribuna em que aos domingos o confrade e nobre irmão Vinicius dirige as suas exortações Evangélicas. Pelo espaço de 60 minutos, abordou interessantes assuntos e, ao finalizar as suas considerações, foi delirantemente aplaudido, sendo-lhe tributado simpática apoteóse.

Aí pois em poucas linhas registramos a presença do consagrado escritor na Casa Mater do Espiritismo em S. Paulo.

Ao duas vezes — Imortal — Deputado Federal Dr. Menotti Del Picchia, a saudação da Imprensa Espírita.

Club dos Jornalistas Espíritas

Ano do Centenário da Codificação

De 6 a 13 de Janeiro p. f. o Club dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo, organizou um Ciclo de Conferências a cargo de ilustres confrades, tais como: Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Freitas Nobre, Dr. Luiz Monteiro de Barros, Deputado Federal Prof. Romeu Campos Vergal, J. Herculano Pires (Irmão Saulo), Dr. Levindo Mello, Dr. Deolindo Amorim, Aristides Lobo, Jorge Rizzini, Dr. Cezar Burnier Pessoa de Melo. Durante 8 dias foram abordados pelas expressões acima citadas, temas de alto relevo doutrinário e filosófico e, convém ressaltar que, o «Auditorium» inaugurado pelo grupo que tem a seu cargo, a defesa do ideal, através da Imprensa Espírita, foi pequeno para conter o elevado número de assistentes que prestigiaram sobremaneira essa admirável e triunfante «reentrê» no ano corrente, às vespersas das Comemorações Históricas do Centenário da Codificação Espírita.

«O Clarim» e a «Revista» cumprimentam os Diretores do Club dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo por tão bello movimento, saudando os queridos companheiros de ideal.

Edição do Centenário

Comemorando o 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», a Federação Espírita Brasileira lançou a lume a Edição do Centenário, tendo nos ofertado um exemplar.

Confraternização Regional da 7.^a Região

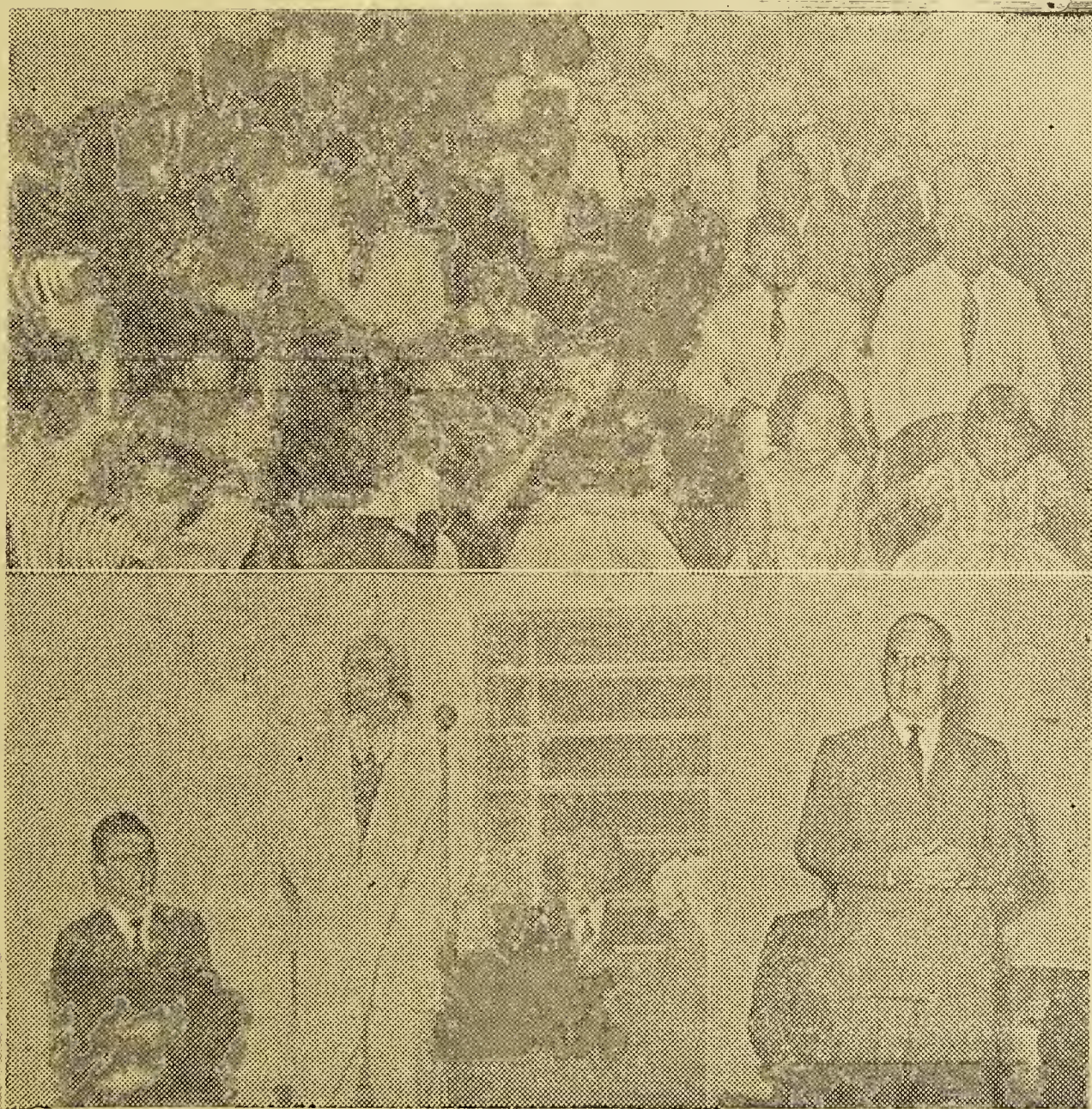
Em Araraquara

Dando início às comemorações do ano do 1.^o Centenário da Codificação do Espiritismo, nos dias 9 e 10 do mês de Março último, na sede da Sociedade Be-

dir da Silva Marques, da cidade de São Carlos. Ambos os conferencistas agradaram em cheio a numerosa assistência.

Em Matão

Sob os auspícios do Conselho Regional da 7.^a Região e em comemoração do 1.^o Centenário do Espiritismo Codificado, o Dr. Flávio Pinheiro, da cidade



O clichê nos apresenta aspectos dos festejos da Codificação, em Araraquara, nos dias 9 e 10 de Março, quando falaram, respectivamente, os confrades Watson Campêlo, de Matão, e Jurandir S. Marques, de S. Carlos.

Em cima, parte da assistência, à primeira palestra

neficiente «Obreiros do Bem», de Araraquara, e sob os auspícios do Conselho Regional da 7.^a Região, realizaram conferências, respectivamente, o nosso companheiro Campêlo e o confrade Juran-

de Ibitinga, realizou, no dia 17 de Março último, às 20 horas, na sede do Centro Espirita «Amantes da Pobreza», uma substancial conferência sob o tema — «A Reencarnação», agradando sobrema-

neira a numerosa assistência que superlotou a sede de referido Centro Espírita.

A esse ágape espiritual compareceram confrades de S. Carlos, Taquaritinga e Ibitinga. De Araraquara vieram um ômbus e automoveis trazendo grande números de confrades.

Presidiu a sessão comemorativa o Presidente da Ume de Matão, companheiro Carlos Olson, sendo feita a prece de abertura pelo sr. Alexandre S. Barbosa, de Araraquara. Houve uma parte artística que a todos agradou.

Encerrou a sessão o companheiro Costa Filho.

Em São Carlos

Em continuação aos festejos programados pela Use, através do Conselho Regional Espírita da 7.^a Região, foi brilhantemente realizada no dia 24 de março último, mais uma Concentração Regional comemorativa do 1.^o Centenário da Codificação.

Coube a vez de São Carlos promover, por intermédio de sua União Municipal Espírita, a confraternização dos espíritas da Região.

Foi uma bela festa, à qual estiveram presentes delegações das cidades de Araraquara, Ibitinga, Matão e Taquaritinga, todas da 7.^a Região, além de representações de Descalvado e Rio Claro.

Após um lanche de confraternização, que decorreu num ambiente alegre e festivo, teve lugar a cerimônia de posse das novas diretorias da Mocidade Espírita e do Centro Maria de Jesus.

Logo depois teve início uma interessante parte artística, a cargo da referida Mocidade, seguindo-se a palestra da noite, pelo querido confrade de Araraquara, Orlando Ayrton de Toledo, que discorreu, com o habitual brilhantismo, sobre o «MEDIUNISMO», que foi vivamente apreciado pela enorme assistência que superlotava a sede da UMESC, local dos festejos.

A mesa dos trabalhos foi constituída pelos senhores Alexandre Barbosa presidente da 7.^a Região, Jurandir da Silva Marques, Antonio Dentilo, Dr. Flávio Pinheiro, Carlos Vital Olson, Joaquim Lourenço e Arnaldo Orso, presidentes e representantes das UMES de São Carlos, Araraquara, Ibitinga, Matão, Taquaritinga e Rio Claro, respectivamente.

Em Taquaritinga

No dia 31 de Março último, no salão do Centro Espírita «Jesus de Nazareth», de Taquaritinga, sob os auspícios do Conselho Regional da 7.^a Região, às 20 horas, o confrade Orlando Ayrton de Toledo, da vizinha cidade de Araraquara, e um dos mais apreciados oradores espíritas, realizou substanciosa conferência, agradando sobremaneira a assistência.

Comemorando o 18 de Abril

De 15 a 21 de Abril último, o Centro Espírita «Fé em Deus», de Sorocaba, realizou uma Semana Espírita em comemoração do 1.^o Centenário de «O Livro dos Espíritos».

Ocuparam a tribuna nesses dias, os seguintes oradores: Anselmo Gomes, Benedito Godoy Paiva, Jaques Aboab e Antonio Pereira Corrêa.

De São Roque

Início das Comemorações do 1.^o Centenário do Espiritismo

A União Espírita «Allan Kardec», de São Roque, realizou, no dia 24 de Março, importantes festividades que deram início às comemorações do 1.^o Centenário do lançamento de «O Livro dos Espíritos».

Às 14 horas a Banda de Música local percorreu, acompanhada de grande número de pessoas, várias ruas da cidade, parando defronte às sedes dos Centros Espíritas da cidade, fazendo aos mesmos ligeiras saudações.

Em seguida rumaram para a Praça Pública, onde tiveram lugar as festividades, que foram inteiramente irradiadas pela Rádio Cacique.

No corêto de aludido logradouro público, fizeram uso da palavra os seguintes oradores: Dr. Jony Doim, Paulo Alves de Godoy e J. J. Cabrera, da Capital, Fernando de Fernandez, de Salto e Nelson Tibiriçá Fernandes, de S. Roque, fazendo referências à grande efeméride que será comemorada em todo o mundo, em 18 de Abril de 1957.

Do Correspondente.

Publicações na imprensa profana

Os espíritas de Araraquara, São Carlos e Taquaritinga, não mediram esforços no sentido de darem a maior divulgação possível ao 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo. Para que o magno acontecimento fosse conhecido por aqueles que não são espíritas, fizeram publicações em jornais profanos locais. Assim, «A Cidade», de São Carlos, de 17 de Abril, «O Imparcial», de Araraquara, de 18 do mesmo mês, e a «Cidade de Taquaritinga», publicam matéria abundante sobre o 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo.

Foi sem dúvida uma idéia oportuna, porque assim todos em geral tiveram conhecimento desse grandioso acontecimento.

— No próximo número daremos notícia completa sobre a concentração espírita de 18 a 21 de Abril em Araraquara.

Exposição de Livros

A União da Mocidade Espírita de Arapongas, comemorando o 1.º Centenário do aparecimento de «O Livro dos Espíritos» realizou no dia 18 de Abril uma exposição de livros, que permaneceu aberta até o dia 25 do mesmo mês.

Do Correspondente.

Sanatório João Evangelista

Existe na Capital, à Avenida Nova Cantareira, 3.050, Tucuruvi, uma obra assistencial espírita realmente de vulto, pouco conhecida dos espíritas, quasi anônima, pois só agora dela tivemos conhecimento.

O importante empreendimento foi construído pelo Grupo Espírita «João E-

vangelista», constituindo o Departamento Assistencial de referido Grupo Espírita. Trata-se do Sanatório João Evangelista, que tem por finalidade internar e tratar gratuitamente, enfêrmos de moléstias mentais, nervosas e toxicomaniacas, sem distinção de côr, sexo, nacionalidade ou crença religiosa.

O Sanatório não cobra taxas, nem mensalidade, dando tudo gratuitamente, exigindo apenas atestado de indigência, quando o enfêrmo estiver nesta condição. Aceita entretanto os donativos daqueles enfêrmos que podem dispor de recursos, sempre de acôrdo com as possibilidades de cada um.

O prédio do Sanatório é amplo, tendo cinco andares, com instalações de acôrdo com os requisitos da higiene, dotado dos mais modernos recursos da ciência médica, farmacêutica, inclusive a homeopata.

E' presidente da Diretoria do Grupo Espírita «João Evangelista», que supervisiona referido Sanatório, o nosso velho amigo e confrade Itagyba Borges, que foi companheiro de Cairbar Schutel na difusão da Doutrina pela palavra, sendo orador espírita dos mais apreciados e um dos mais dedicados trabalhadores da seára espírita.

Em rápida visita que nos fez no dia 16 do mês passado, em companhia de sua exma, esposa, Itagyba Borges nos mostrou um album de fotografias do Sanatório em sua soberba feição exterior e a sua parte interna, com grupos de enfêrmos, salas, gabinete médico e dentário, etc. Só o milagre da fé pode dar tamanha boa vontade às criaturas, que chegam ao ponto de realizar, quasi no anonimato, obras de vulto, como o Sanatório João Evangelista, que é um atestado do valor do Espiritismo na consecução da vontade de Deus, que quer ver todos os filhos no seu reino.

A Diretoria do Grupo Espírita «João Evangelista», com mandato até Outubro de 1958, está assim constituída: Pres., Itagyba Borges; vice, Nicola Bocuzzi; secr., Gastão Rabelo e Silva; 1.º tes., João Barufaldi Néto; 2.º tes., Carlos Américo Leister; 1.º vogal, Francisco Rampazzo; 2.º vogal Gino Gallo.

Comissão Diretora do Sanatório João Evangelista: Provedora, Anna Gemignani Motta; secr., Edgard Souza Motta; tes., João Fernandes de Almei-

da; 1.º vogal, Gino Gallo; 2.º vogal, Carolina J. Richter.

O corpo clínico do Sanatório João Evangelista está assim constituído: Dr. José Primavera, *Clínica Geral — Médico Internista*; Dr. Homero P. Valada, *Neuro Psiquiatra*; Dr. Laplace P. Valada, *Clínica Geral*; Dr. J. A. Alves Martins, *Cirurgia Geral — Moléstias de senhora*; Dr. Paulo Canton, *Ortopedia*; Dr. Nelson Cafur, *Oto Rino Laringologia — Clínica Geral*; Dr. Mario Finochiaro, *Radiologista*; Dr. Adail de F. Julião, *Electroencefalografia*; Dr. Celso de Toledo, *Oftalmologia*; Dr. Michel Maluf, *Operador Psiquiatra*; Dr. José M. T. Biten-court, *Especialista em Liquido Céfaló Raquidiano*; Dr. Itagiba Borges, *Assistência Odontológica*; Dr. José Turano, *Assistência Odontológica*; Dr. João Magalhães, *Assistência Odontológica*.

O Grupo Espírita «João Evangelista» está empenhado na construção de outra importante obra com a mesma orientação do Sanatório e cuja pedra fundamental foi lançada no dia 5 de Julho de 1955. É a Maternidade «Anjo da Caridade», que tem por escopo a protecção à gestante pobre. Portanto são duas obras que pedem a cooperação de todos com donativos em dinheiro e em espécie.

IV Congresso Espírita Pan-Americano

Realizar-se-á na cidade de San Juan, Capital do Estado Livre de Porto Rico, de 3 a 10 de Outubro próximo, o IV Congresso Espírita Pan Americano.

As instituições espíritas estão sen-

do convidadas para esse importante conclave que visa dar maior incremento ao Espiritismo em todos os seus aspectos, devendo os interessados dirigirem-se à Comissão Central Organizadora, na pessoa de sua Presidente, Sra. Guilhermina M. de Fermaint, Apartamento n. 9.503, Santuce, Porto Rico.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

Na minha última excursão realizei palestras nas seguintes cidades:

São Lourenço: Eu e o confrade dr. Carlos Imbassahy, realizámos palestras no Centro Espírita «Auxiliador Espiritual», que é dirigido pelos confrades Antonio Negreiros e Joaquim Ramos. A palestra do dr. Carlos Imbassahy agradeu sobremaneira a assistência. A meu convite, este confrade brevemente irá a Itapira afim de pregar o Evangelho ao povo desta adiantada cidade. Em São Lourenço os confrades Antonio Negreiros e Joaquim Ramos são também directores da Casa de Maria, obra esta que já está dando abrigo a meia centena de velhinhos.

Presidente Prudente: Falei no Centro Espírita «Poder da Fé», que é dirigido pelo incansável trabalhador da seara espírita, Virgílio Reis, nosso representante local.

Santo Anastácio: Fiz palestra no Centro Espírita dirigido pelo confrade João Machado, que é nosso Representante naquela zona. Todos ótimos companheiros.



Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 150,00	Do 20.º ano Cr.\$ 120,00	Do 27.º ano Cr.\$ 120,00
Do 4.º ano . . 150,00	Do 21.º ano . . 120,00	Do 28.º ano . . 120,00
Do 5.º ano . . 150,00	Do 22.º ano . . 120,00	Do 29.º ano . . 120,00
Do 6.º ano . . 150,00	Do 23.º ano . . 120,00	Do 30.º ano . . 120,00
Do 7.º ano . . 150,00	Do 24.º ano . . 120,00	Do 31.º ano . . 120,00
Do 18.º ano . . 150,00	Do 25.º ano . . 120,00	
Do 19.º ano . . 120,00	Do 26.º ano . . 120,00	

Um Verdadeiro Tesouro



O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.



Interpretação Sintética do

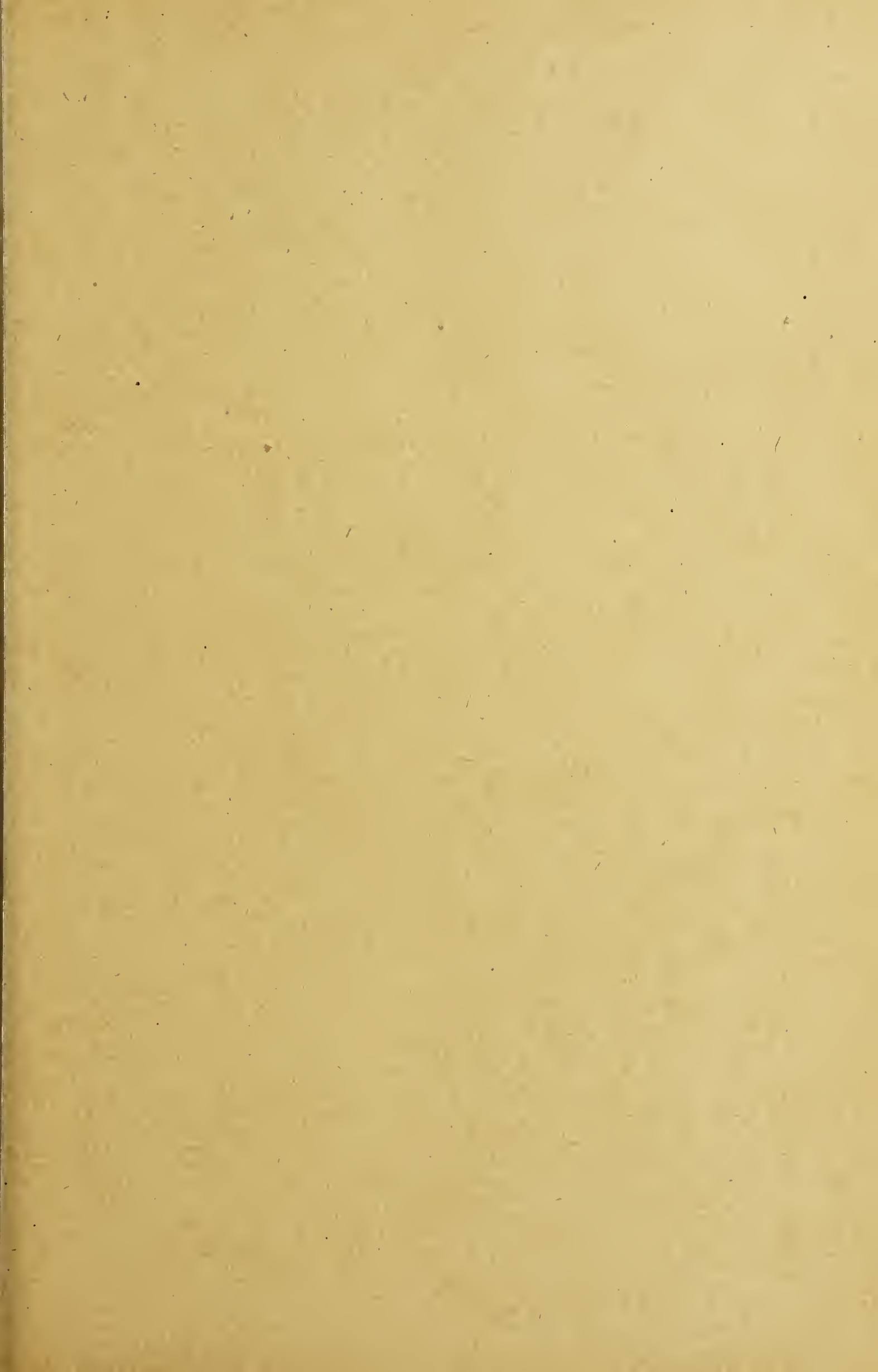
Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.\$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

